

*Subjetivação Afroamazônica*

# SUBJETIVAÇÃO AFROAMAZÔNIDA

Danielle Santos de Miranda

Tese de Doutorado apresentada no Programa de Pós-Graduação em Psicologia para obtenção do título de Doutora em Psicologia.

2018

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG

M672s Miranda, Danielle Santos de  
Subjetivação Afroamazônica / Danielle Santos de Miranda ;  
Katia Faria de Aguiar, orientadora. Niterói, 2018.  
120 f.

Tese (doutorado)-Universidade Federal Fluminense, Niterói,  
2018.

DOI: <http://dx.doi.org/10.22409/PPGP.2018.d.78506875234>

1. Amazônia. 2. Descolonização. 3. Subjetividade. 4.  
Psicologia Social. 5. Produção intelectual. I. Título II.  
Aguiar, Katia Faria de, orientadora. III. Universidade Federal  
Fluminense. Instituto de Psicologia.

CDD -

Bibliotecária responsável: Angela Albuquerque de Insfrán - CRB7/2318

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

“Não existe emancipação cultural, política e ética  
sem que o sangue seja derramado!”  
Franz Fanon, em Os Condenados da Terra.

## Agradecimentos

A ancestralidade, pelas indicações dos caminhos e proteção nas andanças da construção deste trabalho e vida.

A Mãe Natércia, pelos cuidados e indicações dos caminhos espirituais desde o Candomblé.

A vó Regina Santos, pelos incentivos, ralhos, escuta atenta, elogios cuidadosos e presença amorosa nestes anos todos.

A vó Damázia Ramos, pelas tardes de conversas na sua casinha no Guamá, sua presença firme e mansa nas nossas vidas.

A minha Mãe Georzeane Miranda, meu Pai Rui Miranda e Irmão Daniel Miranda, pelo intenso apoio, parceria e fases enfrentadas juntas em todos os anos e dias desta vida.

A Gislene Santos, Letícia Santos, Larissa Lopes, Gislane Santos, Gilvan Santos, Sérgio Miranda e todes da família materna em toda sua alegria festiva e acompanhamentos e parcerias.

A Antônio Paulo Ramos, Edilena Ramos, Thais Ramos, João Noronha, Gertrudes Miranda, Jéssica Miranda, Jean Miranda e todes da família paterna que acompanharam muitas etapas desta minha vida.

Ao grupo de orientação da Universidade Federal Fluminense ~ Katia Aguiar, Diana Malito, Cíça Souza, Raphaella Daros, Luiza Reis, Félix Barzins, Vanessa Fonseca, Gabriel Alvarenga, Camilla Oliveira, Sonia Sarmento, Luciana Oliveira, Adriana Penatti, Denis Saffer, Luísa Azevedo, por todas as discussões para a pesquisa.

A Angela Donnini, pela sensibilidade e generosidade nos encontros para eu realizar esta escrita e trabalho desde o próprio corpo.

A Flávia Lemos, pelos dedicados ensinamentos de muito rigor na graduação e mestrado como orientadora, e depois nas relevantes trocas de profissão.

A Fátima Lima, pelas refinadas indicações e trocas teóricas desde suas aulas.

A Luiza Oliveira, pela parceria nos trabalhos em que estivemos juntas nas comissões da pós-graduação e presença-força delicada na construção e aposta de outros modos de estar na universidade.

A Amana Mattos, por ter me recebido em suas matérias e pelas importantes trocas de trabalho e militância feitas nestes últimos anos.

A Mariana Farnesi, pelo amizade fortalecedora das mais diversas horas possíveis

A Daniele Vasco, pela amizade e presença encorajadora em todos estes anos de trabalho e produção conjunta de muita vida.

A Alyne Alvarez, pelos tantos anos de amizade e das partilhas amorosas em cada pausa e em cada conversa.

A Amandinha Pontes, pela sinceridade e cuidados na escuta e no compartilhar da vida desde os tempos da nossa graduação em Psicologia na Universidade Federal do Pará.

Às maninhes Darlene Cardoso, Giovanni Torres, Amanda Raña, Paulo Dillon, Letícia Lira, pelas incontáveis parcerias e trocas cinematográficas em todos estes anos.

A Denise Luz, pelos momentos de presença firme e cuidadosa, além da vida compartilhada ao longo destes últimos anos na cidade do Rio.

A Marcilene Costa, pelas preciosas orientações teóricas ao longo do processo.

A Luana Fontel e José Sena, pelos apoios e produção de pensamento nas conexões nortistas-parauaras em momentos do exílio carioca.

A Áurea Cardoso, que do Sul do Pará fomos nos encontrar no meio da Uff e das resistências por melhores acessos para populações minoritárias. Agradeço o aquilombamento e amizade revitalizadora em tempos sombrios.

A Júnior Farias e Anderson Félix, pelas parcerias na Pirar-o-Cu e demais pavulagens na criação de modos estar mais fortalecedores e leves, e falando-fazendo desde o nosso próprio sotaque e modos de vida amazônidas em terras sudestinas.

Às nortistas em terras cariocas com quem compartilho o “viemos da nossa terra fazer barulho na terra alheia” pelo apoio concreto em vários momentos das saudades da terrinha ou das correrias da metrópole, em especial Andrey Chagas, Deise Pimenta, Luana Fontel,

José Sena, Áurea Cardoso, Júnior Farias, Anderson Félix, Chayenne Furtado e Gatinha.

A Giovana Xavier, pelas conversas e incentivos para não me fazer desistir da vida acadêmica.

A Miguel Canis pela ginga do encontro ritmado no tempo em comum nas encruzadas cariocas e pelos tantos aprendizados compartilhados.

A Abrahão Santos, William Penna, Aline Pereira, juntamente com Áurea Cardoso e Luiza Oliveira, pelas importantes partilhas e trabalho no aquilombamento desde o GT de Cotas na Pós-graduação em Psicologia no ano de 2017.

A Nathalia Gonçalves e Montse Valle, pelas trocas sapatãs e por terem cuidado das minhas plantas na ocasião da minha viagem de final de ano ao Pará em visita à família.

A Carol Maia, pela força sapatã e empréstimo do computador em período chave do trabalho.

A Michel Queiroz, pelas conversas e parceria na edição do nosso filme “Corpo Estilhaço”.

A Cíntia Guedes, Camilla Bacellar, Sarah Elton Panamby e Angela Donnini pelas trocas na oficina Resistências Feministas na Arte da Vida.

Dedico à memória de Marielle Franco,  
que virou semente este ano  
e fez brotar em nós as mais belas forças de resistências.

## Apresentação

Retornar para nós racializadas amazônidas um inconsciente que nos fomenta imaginações e, portanto, uma reconstrução subjetiva desde a nossa própria história e ancestralidade tem sido uma empreitada recente a qual temos nos religado para realizar inversões coloniais as quais temos sido há bastante séculos relegadas. Este empenho de retomada, ainda que por acessos fragmentados dos estilhaços destinados as nossas memórias, recompõe um empenho que tenho realizado há muitos anos de vida e pesquisa e também nesta tese de doutorado em Psicologia como modo de intervenção nesta área desde uma política de corpo norteadora da construção do trabalho e partir dos referenciais teóricos-epistemológicos decoloniais e anticoloniais.

Isso decorreu do meu deslocamento do Norte do país, e mais especificamente do Pará, para o Rio de Janeiro, que suscitou muitas inquietações e convocações as quais pude seguir e investigar suas linhas e quais se compuseram nos encontros com os espaços e as pessoas, construindo então uma espécie de andarilhagem afetiva pela cidade. Este modo de produzir o trabalho concerniu em uma circulação por variados espaços artísticos e ou de militâncias, onde teci encontros cujos desdobramentos traziam várias camadas e possibilidades de construir subjetiva e corporalmente a minha própria racialidade afroamazônida, mesmo aqui em terras distantes, justo onde eu pude conhecer e manejar os saberes que garantem a minha própria vida conjuntamente a um lugar no coletivo e de um povo inteiro.

Assim, ao realizar nos últimos anos esta busca de construir uma subjetivação racializada marcadamente por este lugar ao Norte, percebi que não podemos nos dar ao luxo de sermos individuais na caminhada como é possível para grande parte das pessoas

marcadas desde a branquitude<sup>1</sup>. Muites des nosses não puderam chegar até este lugar em que estamos no que concerne escolaridade, classe social, acessos de informações. Portanto, trazer as histórias desde onde viemos do ribeirinho, da caboclitude<sup>2</sup>, do afro desde as Amazônias, das indígenas desde as Amazonas des-peitadas para melhor atirarem com seus arco-e-flechas, como as antigas gregas das quais herdaram o nome. Das nossas avós, das tias, das mães e demais ancestrais que nos encarnaram, nos fizeram, nos movem desde os tempos mais antigos das nossas narrativas ainda tanto por serem contadas.

Deste modo, deparei-me com uma necessidade quase invisivelmente impulsionada, encantada, de me implicar em processos coletivos os quais indicassem/visibilizassem as marcas de onde venho em cada uma das práticas em que estive envolvida, tanto no cuidado e em quem mobilizar, quanto nas formas de construir cada uma delas. Portanto, escrever sobre a minha trajetória e sobre o meu próprio corpo, significa também escrever sobre quem vem junto na caminhada trazendo força, ensinamentos, ou apenas estando próximo/ao lado para afirmar uma disponibilidade da conexão, do encontro, de dar a mão em algum momento que seja necessário.

Fiz o meu corpo com e nos gestos, nos movimentos, na experiência de outras pessoas racializadas e principalmente negras. Na vida uma des outres, realizando pontes de afetos e fazimentos de escalas de forças que escapem das vias e capturas do mundo branco. Aquilombar, aldeiar, foram e tem sido medidas fundamentais para nos garantir alguma sobrevivência em meio a barbárie e violências do mundo. Efetivamos nossas interconexões no encontro com outros tantos corpos e afirmação destas forças compartilhadas e muitas vezes ancestrais. Erguemo-nos no alvorecer, no soprar dos ventos, no arder do fogo, no pisar na terra, dentre tantas outras experiências que ligam nossos corpos a estas forças da natureza ou qualquer outro sinal de onde viemos em algum tempo muito atrás para então nos religar com este passado fundamental para visualizar o futuro e se presentificar no agora.

---

1  
branco brasileiro (BENTO, 2002).

2  
caboclamente.

Branquitude: Guardiã silenciosa de privilégios, segundo Maria Aparecida Bento Traços da identidade racial do

Conceito utilizado em Alter do Chão, cidade de Santarém, para se referir ao ato de caboclar/viver

Deste modo, angariar os instrumentos que constróem e sustentam as nossas subjetivações tornou-se trabalho e empenho coletivo no atravessamento da cidade do Rio de Janeiro e encontro com vários grupos compartilhando afirmações de eticopolíticas e de corporeidades que se intercomunicam e fazem umas as outras. Construir políticas de solidariedade em meio a isso, ou seja, modos de cuidarmos e fazermos uma atenção umas as outras tornou-se peça fundamental de aliança e costura dos afetos e, por conseguinte, de modos de existir e resistir juntas desde as nossas diferenças radicais de maneiras de viver e ocupar o mundo.

## Introduzindo

Esta tese possui como entradas alguns temas suscitados desde o encontro com os espaços e no fazimento da minha própria corporeidade numa política do encontro, das trocas e dos afetos, na construção de um corpo da racialidade afroamazônida desde instrumentos da ancestralidade, da arte e das teorias anticoloniais e decoloniais acessadas.

Os temas elencados foram emergências deste minha corporeidade, no sentido de uma condição própria do sensível na contingência do tempo que demarca o ancestral e que produz uma forma de conhecimento de maneira muito direta sobre o mundo por meio da intuição. Nas formulações do pensamento afro, o corpo possui central importância na construção intencional de imagens, de produção de conhecimento e conexão com o grupo.

Falando desde a corporeidade afroamazônida, marco um lugar desde uma história singular e coletiva de arruinamentos e silenciamentos pela invisibilidade sociopolítica que nos tem sido impostas há bastante séculos, mas também falo desde os nossos lugares de criação e afirmação dos nossos modos de existir e resistir em qualquer parte do mundo. Isso a partir da temporalidade que tem sido inscrita pelos percursos da ancestralidade, conjurando esta escrita como certo ritual que permite atualizar e emergir uma sequência de imagens em determinado tempo e o inscreve em certo Odu (destino) de um corpo e marca seu lugar e inserção numa certa ética grupal.

Deste modo, foram realizadas algumas entradas que serão discutidas ao longo do trabalho, com os seguintes temas na sequência:

Mistério,  
Marcação Racial Afroamazônida,  
Territorialidade Colonial Transamazônida,  
Xenofobia no Pará,  
Xenofobia no Sudeste,  
Racismo,  
Epistemicídio,  
Ancestralidade,  
Indicações em Psicologia,  
Falar desde a própria Terra,

Este referido corpo produz e é a própria memória dos povos racializados, e aqui mais especificamente do povo negro, desde seus gestos, sensações, sentimentos – suas cosmosensações que é um modo de experienciar o mundo por todos os sentidos em uma construção afetiva estruturante. Os soterramentos das vidas são aos poucos remexidos e emergem imagens, fósseis, escombros e um vasto registro que reconta caminhos ante-passados. Neste caso, sustentar e reavivar as memórias ante-passadas no corpo afroamazônida configurou-se o foco maior e condutor de todo este trabalho a fim de re.construir uma subjetivação desde este lugar regional-racial. Revisitar uma história ancestral desde os mais próximos aos mais longínquos, portanto, fez-se fundamental para remontar uma história e recomposição ética grupal, fincadas em territorialidades ao Norte.

Os textos principais deste trabalho são costurados por alguns ensaios cuja escrita foi realizada em momentos sob intensidades do meu processo de construção da corporeidade racial-ancestral e dos meus próprios e no encontro com outros processos artísticos que também se proponham vasculhar/repensar as colonialidades em nós, bem como decliná-las em prol de uma escrita/oralidade/imagens

anti.coloniais. O caráter ~mais experimental~ destes textos refere-se ao transe das religiões afro, onde ocorre uma hiperexpressividade visibilizada pelo ritual da escrita e que constrói um plano intensivo do corpo da multiplicidade negro em seus processos de atualizar forças e comunicação com o mundo.

O objetivo do trabalho em vez de buscar respostas, é criar desde as fissuras das colonialidades nas quais somos impostas e torcer, problematizar, declinar este lugar rumo ao estabelecimento de vias de im.possíveis para as nossas subjetivações afro e, especial, afroamazônidas afirmarem seus modos de existir. Para tanto, tornou-se fundamental as intercessões com os processos imanentes e sabedoria do candomblé d'Angola, bem como pensadoras e pensadores negrxs brasileirxs, mas também Franz Fanon, Bell Hooks, Achille Mbembe pertencentes a outros países; além de pensadoras latinoamericanas, como Gloria Anzaldúa e Silvia Federici.

A proposta radical implicada na política de escrita ao falar desde o meu próprio corpo e falar desde a minha própria terra é um modo de romper o silêncio colonial racista que produz em nós povos das diásporas o racismo enquanto este inevitável produtor de desterritorialização, conforme menciona Muniz Sodré em seu livro "Pensar Nagô", visto que nos tirou física e ainda tira psicológica/espiritual/intelectualmente dos nossos territórios estruturantes constantemente. Escrita cuja matéria foi a raiva, oficinas participadas (de vídeo/documentário, performance e artes da vida) mas também os processos de reencontro com a sabedoria ancestral afro cujos ensinamentos desde as entidades, encantadas, encantados, Orixás religaram-me a desejos ancestrais alguns dos quais materializam-se sob diversas formas de produção neste percurso e trabalho do doutoramento. Com estas forças que sigo e abro o Tempo e os caminhos das palavras nesta escrita.

Seguindo a forja e imersão de outros processos de fazer-me subjetivamente, de repente ocorreu-me uma forte remexida no corpo no retorno do Quilombo São José no mês de maio do ano de 2015, outra sacudida quando estava bem em meio do Pelourinho em Salvador em setembro; duas circunstâncias acontecidas no mesmo ano que me elucidaram uma nascente sensibilidade que apontavam a partir de então ao meu corpo algumas direções que eu me sentia fortemente inclinada a seguir... Sentia cada vez mais a vontade d'um Silêncio, cada vez mais uma vontade de mata e de saber mais da mata d'onde eu vim e cresci, das florestas ao Norte. Naquele momento, eu ainda nem sabia que Omolu era Orixá<sup>3</sup>, que estava duplamente no meu caminho, regendo um dos movimentos da minha alma, e era Oxóssi quem centralmente me guia desde o meu nascimento o modo de movimento das minhas andanças por este mundo.

Contudo, o meu ritmo na vida, tom e compasso de caminhada era do forjar da criação... a paciência do gestar de Oxalá, mas na agilidade e inquietude do mais novo, Oxaguian.

Pareceu-me o momento em que surgiu uma rachadura no meio na vida, no corpo, realizando a abertura do Tempo para ancestralidade, para as visões de uma outra imaginação e a possibilidade para adentrar na construção de uma subjetivação que decline as imposições da colonialidade do poder sobre as minhas formas de imaginar e de estar no mundo com os outros. Para lembrar em corpo os saberes, memórias, sonoridades, ritmos desfeitos ao longo dos tempos assim como as nossas forças de um povo. As escuras evidências de um sol nascente da cor negra surgiam para mim.

---

3  
candomblé.

Orixás correspondem as forças da natureza reverenciadas principalmente em religiões afro-brasileiras, como o

E pela fenda que se abriu, entrou em mim um som d'um tambor. Ao fechar os olhos, adormeci levemente ali no final da cerimônia do terreiro por alguns minutos e a amiga ao lado, me abraçou. Senti que ela ficou lá por alguns vários minutos mas eu continuava sem conseguir abrir os olhos. Sabia que alguma coisa havia acontecido, entretanto a dormência-adormecimento não me deixava ainda saber ao certo o que era. Um bom tempo depois acordei e tinham várias pessoas ao meu redor. O som ancestral penetrado fez vibrar em mim outras forças antes desconhecidas, então fez um rasgo na vida, um salto no Tempo e me trouxe saberes, conhecimentos e conexões com outras pessoas e acontecimentos de um novo passado-presente-futuro que chegaram.

Esta experiência confirmou para mim o lugar racial o qual eu resvalava pela dificuldade de lidar diretamente com todos os efeitos que afirmá-lo significaria, apesar de viver no meu corpo ao longo de toda uma vida as marcas do lugar racial negra, em uma grande parte das vezes notado/marcado desde a inferioridade.

Os sonhos, sonhos remexidos, imagens, mensagens a uma certa hora do dia, guarda o outro, intuições sobre os caminhos por onde devo ir, sinais negativos quando não for o caminho a seguir, e uma série de pulsações ancestrais passaram a agir diretamente no meu corpo de modo a desfibrilar os seus adormecimentos, dentre os quais as memórias soterradas das vidas colonizadas nossas tão estilhaçadas por uma história longa de apagamentos.

As imagens recém-nascidas passaram a se intercomunicar com outras tantas de outros corpos, e percebo-me então nesta re-escritura coletiva também de uma história de um povo; os estilhaços de ume refletem no estilhaço de outre, fazendo uma propagação de imaginações ancestrais e d'um refazimento de subjetivações há muito perdidas. Foi deste modo a escre-vivência deste trabalho de

doutorado, baseando-me neste conceito de Conceição Evaristo se referindo a esta escrita contaminada com a condição de mulher negra, na uma tessitura desde imagens ancestrais compartilhadas com outros tantos parceiros de jornada. Uma escrita incorporada, destituidora de um lugar de ego tão celebrado na Psicologia, mas profundamente encarnada das camadas da subjetividade racial que me acompanha. Um modo contracolonial de realizar uma descrição e olhar sobre a saúde mental de pessoas racializadas.

\*\*\*

Forjar este corpo da racialidade, um corpo negro desde a ancestralidade tem sido o recuo no Silêncio, na quietude – afinal, para firmar um corpo coletivo, pela via da espiritualidade africana, muitas vezes é necessário o recuo da sociabilidade e o recolhimento para gestar os itens de singularidade que fazem emergir as conexões com a multiplicidade e, por conseguinte, com uma responsabilidade coletiva. O ritual apresenta-se então como forma de fazer este corpo que, posicionado na direção do seu caminho ancestral com o uso do cuidado de si como instrumento e a intuição como guia, de modo a torná-lo autônoma e ancestralmente orientado, torna-se para mim um fator fundamental de sustentá-lo em afirmação de uma subjetivação ligada a história do meu povo diante das constantes investidas colonizadoras-aniquiladoras que se operam sobre ele. Cultivar este corpo em cada ritual que lhe erga, lhe refaça, lhe vitalize, pois a pessoa negra precisa esquecer desde cada gesto que não é mais cativa, como referiu-se Beatriz Nascimento em seu documentário Orí; falando poeticamente sobre os seus encantamentos com as danças do corpo negro em movimento das fugas, no aquilombar e fazer-se livre. As relações com o mundo invisível, com as entidades, encantados, forças da natureza, não pela pretensão de um corpo santo, mas para remontá-lo e catalisá-lo novamente em cada ponto em que os açoites, os desabamentos, os arruinamentos, que as colonialidades do poder o investiram. Elevar a cada uma das partes em axé para realizar o cuidado de si como resistência ao racismo que tanto nos quer aniquilar e ainda com frequência nos

tensiona a habitar este lugar sob forma de autoódio. Reconstruir este corpo preto tornou-se para mim ato base político em cada um dos espaços que frequento como modo de manter a afirmação desta racialidade de ferbte e garantir sua posição ancestral, ou seja, vinculada com um povo em sua história/legado/pertencimento. Recuperar os gestos, os movimentos, o sumo da força. Percorrer e afirmar cada lugar, cada espaço, cada pessoa, cada imagem cuja intuição ou demais sinais ancestrais me religam ao corpo a vitalidade que lhe fora e é constantemente expropriada. Percorrer cada uma destas pistas para incorporá-las, banhar-me de todas elas, remontá-las em mim sob a forma de imagens a respeito do que eu muites dos meus nunca podem ter sido, é fazer o eterno-retorno da afirmação de uma corporeidade, d'um axé fundamental para existência ainda que impossível.

A construção de pensamento desta pesquisa também atravessa a minha implicação em alguns acontecimentos políticos, iniciados pelos idos de 2013 pela convivência e trabalho conjunto no corpo-a-corpo do território das ruas com as mulheres em suas efusivas falas e reivindicações que encorajaram muitas outras em busca de suas autonomias, bem como modos de vida mais igualitários... Passei pelas trocas com tessedores de resistências na arte da vida em 2015, na delicada construção de pontes de afetos e de uma entre pessoas para mundos possíveis para todes, em especial pessoas pertencentes a marcações minoritárias de raça, classe, gênero e sexualidade. No ano de 2016, estive na autoorganização dos estudantes da pós-graduação a fim de colaborar com a Ocupação dos estudantes de graduação que acontecia dentro da universidade e, logo em seguida, começamos de construir a implementação das cotas na Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense, onde estive em 2016 em todas as reuniões de votação e em 2017 dentro do GT de Cotas no trabalho direto com outras pessoas para consolidar este processo. Por fim, cheguei pela via do terreiro, em 2017 para firmar o passo desde a ancestralidade, com o respeito de quem veio antes e pode construir saberes que nos facilitem e possam ser chave para as nossas passagens.

Portanto, iniciando os trabalhos com referência a rodas e coletividades, saúdo e peço licença aos meus mais velhos e minhas mais velhas para adentrar esta escrita, com imensa reverência a quem veio antes de mim e já fez estradas para que possamos fazer travessias, quiçá, menos penosas e melhor acompanhadas.

Esta caminhada feita pelos indicativos da ancestralidade, ora por aqui, ora por ali, no respeito ao Tempo em seu reinado imbatível sobre as nossas vidas. Ele que não tece as trajetórias lineares, não anda em linha reta... é preciso percepção aguçada para segui-lo sabiamente em suas sinuosidades por vezes serpenteante. O Tempo de gestar o corpo, o Tempo d'um corpo gestar o pensamento, o Tempo de gestar uma nova vida.

Oxaguiã, quem me guia de frente com a força dos seus guerreiros, foi apontando passo a passo por onde deve ser a passagem junto ao seu ritmo. Respeito. Exploro. Os caminhos mais improváveis em uma lógica de um mundo branco, entretanto são as passagens mais férteis para quem possui como companhia e parceria de Orixá nos caminhos e suas forças advindas da natureza e que se materializam nos nossos corpos e vidas como reavivamento de uma subjetivação marcada no tempo da ancestralidade.

Deste modo, foi ele quem desenhou minha andarilhagem pelas vias da cidade antes mesmo que o conhecesse mais intimamente. Apontou cada entrada, saída, encruzilhada, bem como os plantios necessários e os detalhes a respeito de cada parada, a fim de que eu fosse aos poucos aprendendo a me conectar ao passado e história que me pertence, aprendendo a estar melhor no presente e com o olhar sempre no futuro: Sankofa, o pássaro africano de duas cabeças, que significa voltar ao passado para então ressignificar o presente e trazer outras possibilidades para o futuro.

"Exu para o pensamento iorubano é o poema que vêm a enigmatizar os conhecimentos existentes no mundo. Exu faz isso eximamente ao instaurar a dúvida, as incertezas, ao nos lançar na encruzilhada. Esse último termo é um dos simbolismos de seus domínios e potências, a encruzilhada tanto nos apresenta a dúvida, como nos apresenta caminhos possíveis." Trecho de "Exu e a pedagogia das encruzilhadas" de Luiz Rufino.

“Nunca queira andar mais rápido que o Orixá criador”, escreveu em um texto Raphael Gennaro. Oxalá em sua exímia habilidade em acompanhar o Tempo, direcionou-me em cada etapa da vida e desta pesquisa, para então contornar os aspectos que fossem importantes para mim e, principalmente, para compartilhar com uma coletividade.

Seus modos de criar o mundo desenham no alvorecer a destruição, o apocalipse e o posterior renascer em outras (im)possibilidades de mundos. A reunião dos conhecimentos e a catalisação dos conflitos necessários para romper com o que não serve mais a todes e instaurar o novo. A jovialidade na forças dos guerreiros, onde e realizar uma guerra torna-se fator preponderante e fundamental para alcançar a paz.

Senhor das artes, ele enfrenta e acompanha todas a minúcias do Tempo para realizar seus empreendimentos em sintonia com uma perfeição almejada. Sigo então o seu legado ao utilizar a arte como ferramenta/arma de contestação para construir novas composições de mundos que acompanhem um ritmo dos tempos ancestrais.

Adentrar este universo cosmológico da diáspora africana, historicamente tem feito o corpo negro e ressubjetivado em formas de dignidade que jamais lhe foi podido ser acessado desde o deslocamento forçado de milhares de pessoas de suas antigas moradas no além-Atlântico. Ao som dos tambores, na dança da força dos Orixás, a emergência de um corpo com memórias e experiências milenares para suscitar a vitalidade .

Conectando-me a estas forças, venho realizando a produção de inversões da ordem colonial que até os dias atuais insiste no controle dos corpos racializados e também do corpo negro amazônida. Assim, utilizo o mistério e segredo como arma e estratégia política e metodológica ancestral para manter um véu sobre as circunstâncias e assuntos os quais só podem ser divididos em determinadas rodas

e sobre os quais não tem sido possível obter vias de ampliação de seus espaços de liberdade. Como diz Jota Mombaça “Se não puder ser livre, sê um mistério!”.

Outra importante estratégia político-metodológica utilizada neste trabalho foi a invisibilidade como modo de habitar o lugar que historicamente nos foi renegado enquanto pessoas amazônidas racializadas em relação a outras territorialidades/regiões do país, a fim de realizar uma inversões deste lugar e construção de outras referências subjetivas e de imaginação pelas quais possamos nos subjetivar.

Deste modo, baseei minha circulação pelas vias e teias invisíveis, ocupando o mistério como esta possibilidade de produção de liberdade para corpos historicamente condenados da terra, e desde suas marcações da sexualidade, do gênero, de classe e da raça. Procurei seguir as rotas de transmissão ancestral no que tange a construção de outros saberes e de uma corporeidade reativada a partir das memórias antepassadas. Seguir cada ponto do corpo dessoterrado, resgatado em cada um dos fios da sua, para então serem lidos coletivamente e levados adiante os repasses de conhecimentos.

Estas atualizações incitam o repovoamento da imaginação de pessoas racializadas, um fator crucial para retomo de uma corporalidade, de uma vitalidade, subjetivação para estas populações. Portanto, retomar a toda uma cosmosensação<sup>4</sup> que fora roubada para refazer os rastros possíveis de uma memória corporal significa o resgate da biografia de um corpo de um povo inteiro, o que pode se erguer a vitalidade e ao toque de um tambor.

Fazer um corpo coletivo ancestral, remontar em si as forças da natureza e se refazer quantas vezes for preciso na subjetivação da fuga

---

4

Conceito produzido pela nigeriana Oyèrónkẹ́ Oyěwùmí (2017) para afirmar um modo sinestésico de experimentar a realidade, não apenas pela visão ~como na cosmovisão~, e sim articulando-se todos os sentidos.

e no desvio de todo racismo atroz que venha pedir passagem.

Assim é o corpo da ancestralidade que tece este trabalho. O corpo com a força do Orixá e suas conexões com a natureza, alimento para um povo inteiro há milhares de anos. O corpo que pisando devagarinho realiza caminho ao longo deste chamado para o resgate de uma subjetivação da cor preta, e toda uma história/linguagem/cultura apagada deste povo desde uma perspectiva e do chão Amazônida de onde vim e chão que piso desde antes que nasci.

Este corpo seguindo as vias dos acontecimentos para ser feito os quais muitas vezes remete a outros tempos, centenas ou milhares de anos atrás, e que se ligam ao agora por intermédio de uma sonoridade tambor, um batuque, um transe que atualizam no corpo e no presente as inscrições da memória. Um fazimento em meio da multiplicidade dos encontros com os elementos dos rituais.

A escrita é feita pelo próprio corpo, em carne muito viva, percorrendo os saberes ancestrais em suas voluptuosas erupções ou de maneira calma o que vinha sendo elaborado de novos pensamentos, imagens e linguagens as quais eu precisava a partir de agora acompanhar e aprender.

O corpo preto que então reconhece e se liga ao outro corpo preto, bem em meio a fuga ou a plantação que é atualizada nos dias de hoje a todo momento. As subjetivações ancestrais se reconhecem de um pronto e imediato na fuga. Recupera o corpo preto um de outre, reconhecer-se um no estilhaço de outre, no pedaço de corpo que lhe conta uma história de dor, desespero, mas também do afeto possível quando uma pessoa auxilia a outra em sua fuga dos grilhões e dos açoites, com muita frequência atualizados nos vários espaços por onde transitamos.

E existe o corpo que de um pronto reconhece-fortalece o outro, que quando se encontra marca profundo a presença da energia

ancestral, que é lembrada no meio do encontro Um corpo-a-corpo que diz que ali há morada, há uma pausa. Um modo então de enfrentar o adoecimento do mundo sobre este corpo preto cindido torna-se medidas de atitude prudentes com o olhar, com os detalhes. A cada dor esmiuçada, em cada gesto que possa ser recuperado, na movida e no acompanhar a direção sobre cada um destes estilhaços e-feitos das violências coloniais.

Cada parte deste corpo, cada gesto, tem o seu recado, a sua mensagem, e nos evoca a uma atenção ao movimento, a parada, ao que e como lhe fez interdição e que lhe toca com vitalidade.

Percebo então que meu corpo foi agora acordado, algo que vai acontecendo dia após dia. Ativam-se imagens, sonoridades, e é como se a cada passo adiante eu estivesse mais junta do mundo inteiro tal como o preto que governa o mundo com sua intuição, como mencionou por Fanon (2008):

“E eis o preto reabilitado, “alerta no posto de comando”, governando mundo com sua intuição, o preto restaurado, reunido, reivindicado, assumido, e é um preto, não, não é um preto, mas o preto, alertando as antenas fecundas do mundo, bem plantado na cena do mundo, borrifando o mundo com sua potência poética, “poroso a todos os suspiros do mundo”. Caso-me com o mundo! Eu sou o mundo!”

## Mistério

Fazer-se pela via do mistério, dos volumes guardados nos recônditos da ancestralidade, passadas desde os mais velhos para adiante, com o girar da sabedoria em meio as rodas e com os aguardos necessários do tempo para ofertar o que cada um precisa. Mistério, esta aura que enfeita de encantamento os segredos tão milenarmente guardados.

E neste mergulho, fiz passagem pelas experiências que me foram ofertadas, redescobrimo em cada ponto de convocação uma escrita encarnada feita pelas minhas e muitas outras mãos guias ante passadas. Inspirou-me elevado respeito todo este processo. Soterramentos e dessoterramentos políticos vividos ao mesmo tempo presente, contudo, nas referências ao passado e futuro que já se anunciam.

A palavra mistério advém da grega ΜΥΕΙΝ, e significa “fechar” especialmente os olhos, quando percorremos cada etapa de uma iniciação em um determinado ritual ou momento da vida que exigisse segredo ao serem apresentadas algumas informações as quais precisam ser resguardadas para os momentos específicos e ou para as rodas em que possam girar.

Guardar o segredo é considerada uma grande virtude em diversas comunidades afro-ameríndias. O cuidado da reserva, e aqui se refere especificamente em relação aos ensinamentos ancestrais para que possam perdurar e atravessar no Tempo, torna-se estratégia refinada para manutenção do poder vital e de encanto destes saberes na travessia das gerações.

E este plano dos mistérios depende exclusivamente da magia, segundo Fanon (2015) no seu livro “Os Condenados da Terra”. Acontece a abertura ao contato para com os rituais e, portanto, a manipulação das forças e conhecimentos que podem tocar e atualizar nos registros ancestrais a vida de pessoas colonizadas construindo o encantamento, este estado que faz sublevar e sublimar o corpo de um subalterno para o acesso de outras possibilidades de imaginação da sua corporeidade, modos de vida, narrativas e, conseqüentemente, de construir outra subjetivação e história para sua comunidade.

Portanto, exercer a excessiva nitidez pode ser um fator para as colonizadas cuja próxima parada poderá ser sua certa morte. Os seus cálculos de visibilidade pendulam entre a construção de um atestado de existência ou do seu próprio aniquilamento, então, é um jogo perigoso transitar por estes mundos do visível e invisível para estas populações.

Por outro lado, desvelar tudo e de um pronto é um hábito que provém da branquitude, com seus ares europeus e olhares persecutórios que a todo momento necessitam ratificar o seu exercício de controle sobre as outras e o mundo. Deste modo, produzem uma vigilância perene para garantir seus mandos sobre os corpos racializados e bom funcionamento das vias que alimentam a branquitude<sup>5</sup>. O mistério acaba muitas vezes sendo medida ofensiva para as pessoas brancas, que não o suportam por serem empecilho para suas malhas de poder bem funcionarem.

---

5

São os privilégios exercidos desde a branquitude, pessoas de pele e socialmente nomeadas brancas, um status ocupado por estas pessoas que foi herdado de relações sociais e raciais do seu passado.

O ato de escrever tem sido possível ao longo deste trabalho pelo encontro e presença especialmente das nortistas, amazônidas. Nossa corporeidade e experiência e afetos próximos parecem tecer uma proximidade automática e ancestralmente entre nossas possibilidades de tessitura conjunta. Foram nestes arranjos que encontrei fortalecimento para levantar este corpo-tese numa forma de escrita encarnada nos moldes d'um refazimento de si. A arte de costurar conjuntamente nossos eternos retornos à terra d'onde viemos em qualquer lugar do mundo em que estejamos. Portanto, foram nelas que eu encontro e sempre encontrei este assentamento, esta força e possibilidade de reerguimento para construir e reconstruir a própria vida. Os afetos peculiares, que sinto prolongarem e aconchegarem um tanto mais uma presença. A cada contato, sentindo o maior desabrochar de si e expansões, pois estamos em território de recostar e compartilhar.

\*\*\*

Entretanto, esta possibilidade do escrever só foi possível também por conta da troca dos instrumentos de trabalho com as parceiras sudestinas, desde o fornecimento d'um acesso aos referenciais teóricos-epistemológicos, das oficinas de vídeo/documentário, oficina de performance, bem como as longas conversas e debates sobre os temas em comum, os envios de imagens, os espaços políticos construídos juntas nestes anos de morada por estas bandas, as idas juntas ao terreiro e demais produções de aquilombamento. Afinal, foi na ocasião de estar nestas paragens que pude acessar mais diretamente os instrumentos que mediaram a minha construção de um período relevante de uma trajetória de trabalho articulada com diversas áreas e saberes.

## Afroamazônida

Pois falo d'um lugar preta e também habitante d'uma ancestralidade indígena desde a Amazônia. Subjetivo-me, fiz-me e faço-me nesta terra, pedindo licença aos encantados e as encantadas, carregando histórias dos medos de visagens ouvidas quando zita enquanto contava lorotas sobre causos ocorridos em cidades do interior na rua com a molecada até tarde da noite em Belém. Ora apanhando ingá da árvore na casa da vizinha da frente, ou então seriguela do pé na minha escola em Pebas – por muitas vezes tenho estas memórias das brincadeiras de criança que pendulam entre as duas cidades, pois elas foram moradas deste período. Muitas formas de estar junta e se subjetivar desde da mata, com respeito a todas as entidades e seres encantados invisíveis que a guardam, e fazer dela alimento para seguir os caminhos. E por diversas vezes as situações, uma necessidade de pausar o pensamento, algum momento ralado dos dias, levam-me até lá dentro d'um igarapé gelado em algum interior do nordeste do estado num mês de julho de verão qualquer.

Minha cor é a deste lugar, de um rio destes que correm por lá, que podem ser a imensa tranquilidade, mas também correrem pororocas em seus momentos de fúria. Um rio que pode ser mar de água nem sempre é doce e que é de arrastar barrancos, árvores, e o que surgir pela frente.

Deste modo, construo minha racialidade pela via deste meu lugar amazônida, desta terra barrenta alaranjada, dos rios sinuosos. Minha história está ligada a história desta terra e nela também nasce minha ancestralidade é a ela quem reverencio. Afinal, eu não ando só, e farei agradecimento e menção ao que e quem me fez em muitos sentidos e formas vir e chegar hoje até aqui. Axé.

\*\*\*

Diferentemente de outros lugares do Brasil no período colonial onde predominava o sistema de *plantation*, com base na plantação de tabaco e açúcar e o trabalho de mão-de-obra negra; na Amazônia, e mais especificamente no Estado Grão-Pará Maranhão, prevaleceu o extrativismo das “drogas do sertão”<sup>6</sup>, desta vez com o uso da mão-de-obra indígena, que foi a principalmente explorada nesta região do país. Esta referida região que tornou-se Estado Grão-Pará Maranhão em 1751, quando a cidade Pará passou a ser administrativa do Estado.

A fundação da Companhia Geral do Grão-Pará e Maranhão em 1775, que perdurou até 1777, foi o marco temporal para inserção do tráfico dos negres na Amazônia. Portanto, estes negres também estiveram na construção da Amazônia colonial, assim como indígenas, cabocles, dentre outros designados na comunidade regional. A ocupação colonial desta região foi algo que teve grande investimento em guerras e, na verdade, um despovoamento tendo em vista a quantidade de indígenas que foram exterminados, e com forte participação dos missionários da igreja católica, os quais tinham o intuito de não apenas evangelizar a população local mas também desempenhar um importante papel no mercantilismo europeu.

As disputas de forças entre os colonos e as pessoas negras na região foram intensas, apesar da Amazônia Colonial pouco ter sido construída por mão-de-obra negra, ainda sim, construíam brechas que burlavam o sistema colonial como modo de resistência à escravidão.

---

6

As drogas do sertão consistiam em urucum, gengibre, baunilha, cacau, castanha-do-pará, guaraná.

## Territorialidade Colonial Transamazônica

Percebo que é formada uma marca invisível de uma territorialidade amazônica na qual carregamos resquícios da história colonial, especialmente marcadas no corpo das pessoas racializadas, cujo trânsito por outros lugares do país para trocas acontece, porém de modo temporário, pois a marca intransponível desta barreira se atualiza novamente em algum momento. Atravessar, portanto, não pressupõe a eliminação das assimetrias: por mais que sejam reduzidas, elas são inultrapassáveis devido ao fosso da dívida histórica que nos diferencia de outras regiões.

Transamazônicas que somos, soterradas políticas, temos sido relegadas por esta imposição histórica aos lugares inferiorizados aos quais para a terra de onde viemos também foi trazida. Somos acometidas por uma invisibilidade que nos acompanha enquanto um atestado de inexistência sociopolítica e ontológica. Deste modo, habitamos um não-lugar aonde quer que vamos, algo que pode ter suas variações de acordo com o espaço em que estejamos, com o agravo de alguns e possibilidades mais favoráveis em outros.

Este não-lugar pode também nos incorrer a formulação de uma territorialidade colonial subjetiva que traça determinados trajetos e leituras sociais desde itens da etnicidade/racialidade do nosso corpo de acordo com a movida realizada dentro ou fora do país. Tal marcação subjetiva demonstra-se orientada desde uma relação com a terra, forças da natureza, e principalmente com referências diferentes nas imaginações e nos pontos dos acessos.

As forças inferiorizantes que constroem isso atualizam-se por muitas vias, desde gestos e de maneiras sutis, até formas mais diretas de

exclusão de espaços e oportunidades de acessos em vários setores das nossas vidas. Tem sido enorme desafio desviá-las para construção de modos de existir e projetos políticos que contemplem de maneiras mais implicadas e aproximadas das nossas vidas enquanto população amazônica no que impulsionem as necessárias inversões coloniais que desviem das imposições históricas as quais somos acometidas.

Afinal, por não termos o lugar sociopolítico estabelecido, precisamos a todo momento atravessar muitas barreiras para conquistá-lo, a custo de furar cada um dos bloqueios da colonialidade do poder que nos posiciona para os lugares sociais mais subalternizados. Isso evidencia quanto não somos todos iguais no que tange as localizações nas malhas da colonialidade do poder nas entrecidades brasileiras por fatores diferenciados na marcação de classe, de raça, de gênero, de geração, de sexualidade. As diferenças que se tecem dentro de cada um destes marcos formulam os lugares possíveis e os impedimentos historicamente impostos devido as nossas respectivas histórias coloniais.

Ultrapassar, portanto, algumas das barreiras geopolíticas; de acessos as zonas privilegiadas de produção e difusão de imagem<sup>7</sup>, saberes, narrativas; de marcações sociais diferenciadas pelo pertencimento a outras regiões, tornou-se possível por um arvoreamento levantado por ações efetivadas coletivamente, pois do contrário somos passíveis de morrer à míngua na distribuição das fatias dos lugares e acessos.

Lembro de que, ao chegar para morar no sudeste na cidade do Rio em 2011 o quanto tempo fiquei entre as fontes de informação da minha área profissional e das que eu gostaria de explorar, como do cinema, até que eu pudesse me localizar entre os vários espaços para cursos, eventos que ocorrem, grupos de trabalho, grupos de militância, tipos/modos/quem faz mídia a respeito, quais os assuntos

---

7  
difundidas, bem como estratégias e práticas predominantes.

E vale lembrar que os grupos que controlam a imagem, sejam de quais forem, controlam também as narrativas

abordados atualmente, escolher algo para investigar/implicar-se em meio a todos estes mundos apresentados e existentes apenas nas grandes metrópoles e/ou centros financeiros do país.

E ainda com o adicional de ser enfrentado algum tipo de xenofobia em cada parte deste trânsito da busca de conexão e encontros da construção de territórios e modos possíveis de existir nesta diáspora trans-amazônica<sup>8</sup>. Os afetos em dois tempos se exauriam neste constante empenho de destituir este nosso não-lugar e poder de fato construir outras possibilidades e modos de existir.

No nosso caso, no que tange a colonialidade do poder em termos da regionalidade, habitamos uma zona colonial bastante peculiar e que nos demarcam a partir de assimetrias intransponíveis em relação a outras regiões do país. Portanto, ainda que nos associemos aos grandes centros, metrópoles, grupos, estamos sempre em tempo atrás no tempo dos acessos e da possibilidade de verter as ferramentas adquiridas para um efeito concreto na direção das malhas de poder que possam beneficiar a corpos similares ao seu.

As pessoas muitas vezes não nos conhecem, não conhecem nossa história, e podem muito rapidamente realizar leituras sociais a partir de narrativas e denominações exotizantes simplistas e infantilizadoras dos nossos corpos e movidas. A cada relação, contato, encontro desde este lugar exilado transamazônica, o risco é iminente de alguma destes tipos de leitura equivocada.

\*\*\*

Percebo em cada uma das relações que tenho tido em todos estes ~7~ anos de morar no sudeste em algum dado momento um gesto, uma fala ou um movimento que me é direcionado demarca de modo muito explícito a fronteira subjetiva entre mim e as outras pessoas deste lugar de modo tão

---

8

Diáspora transamazônica: Deslocamento forçado por meio de migração por pessoas amazônicas realizado devido a necessidade de buscar acessos de emprego, cursos, condições de vida mais favoráveis não possíveis de serem encontrados na região.

frequente que em algum momento chega até beirar o insuportável. Materializa-se uma fronteira demarcatória das minhas impossibilidades de ter outras formas de ser para além das que sou lida de imediato nesta territorialidade – por via de alguma nomeação ou alcunha estritamente étnica-racial. Diante disso, torno-me passível de leituras sociais reducionistas, como por exemplo a referência de ser “do Pará”, a respeito da minha própria vida, criando uma espécie de cerco sobre minhas atitudes e modos de me subjetivar, ou até mesmo invisibilizando os vestígios da minha história d’antes de viver neste lugar.

Sinto-me sobressaltada em alguns contatos nestas bandas, pois com frequência aconteceu de eu ser avaliada e com desconfiança, e mais de uma vez pela mesma pessoa, quanto aos meus objetivos, propósitos, tema de pesquisa, histórico de vida, capacidade intelectual. A cada vez que isso acontecia, me retificava a respeito das chaves de passagem existentes em grande número por aqui e pelas quais precisa-se pedir licença, pois estas regiões ao sul do Brasil ainda exercem controle (lembro dos tempos coloniais em que a capital do país era o Rio de Janeiro) quem pode e quem não pode realizar determinados acessos/informações, quando, até que ponto, de acordo com algumas regras e indicativos fortemente coloniais. Esquemas de abordagem altamente violentos me foram desferidos, inclusive por pessoas advindas de grupos nomeados politizados.

A agência que pude realizar diante disso, foi detectar em quais espaços e pessoas com quem acontecia este tipo de situação e recuar cada vez mais para um lugar social, a fuga das inferências e leituras apressadas a meu respeito, para criar espaços e modos de estar na cidade em que eu pudesse viver mais inteiramente as próprias narrativas e modos de vida desde os meus referenciais coletivos e singulares. Outra agência foi realizar a circulação mais solitária ou primordialmente com pessoas nortistas e nordestinas. Portanto, fazer esta referida roda de afetos, antes de significar priorizar as semelhantes referências de regionalidade, em diversas ocasiões passava a ser priorizar a própria sobrevivência.

## Abertura Inicial

Assim, passei todos estes antes nesta andarilhagem afetiva da qual te falo para reunir elementos que efetivassem composições de imagens e de palavras as quais pudessem efetivar uma posição política com apegos a incitações de produção de horizontalidades e coletivizações nas ações, relações e composições acadêmicas e artísticas. Na cadência do Tempo, em suas nuances flutuantes e sinalizadoras do quando é mesmo que o acontecimento se materializa. Estava numa busca intensa por operar horizontalidades nos vários setores da vida.

O enfrentamento de uma sensação de inferioridade racial, que a todo momento me dizia que ali naquele espaço templo da intelectualidade não era para eu estar, com esta meu corpo, minha história. Portanto, percebi que a construção de uma intelectualidade desde os lugares subalternos e ou de marcações minoritárias não perpassam a mesma construção dos lugares mais hegemônicos, existem vias de precariedade por muitos lados, arrebentações, enfrentamentos de ruínas, que vão desenhando teias para além das institucionalidades a fim de garantir as sobrevivências das pessoas no mínimo em que possam gerar umas nas outras. São grandes os esforços e conjuntos levantados para tocar adiante alguma outra humanidade do que as que lhes são oferecidas e alguma dignidade.

Os lugares sociais e políticos de pessoas racializadas não existem a priori, por terem sido historicamente roubados em nome dos corpos e posições hegemônicas. Portanto, para encontrar os seus espaços e ocupá-los, é necessário fazer novos caminhos, que as vezes possuem muitas dificuldades por jamais terem sido percorridos e/ou devido às precariedades das nossas histórias ainda por serem reconstruídas e gerarem novas posições a serem vislumbradas.

Deste modo, a alternativa é furar os bloqueios instituídos para então conseguirmos efetivar estes novos pousos e posições sociopolíticas que permitam efetivar mais ações coletivadoras torna-se metodologia de trabalho. Construir instrumentos que atualizem a fuga do mundo branco e o movimento da vida preta torna-se medida base para sobrevivência.

## Abertura Posterior

Vimos desde uma produção subjetiva da invisibilidade, d'onde tu existe uma visão colonizada e que a todo momento te lembra desde cada modo de se posicionar em nossa frente que nos não somos daqui, que nos somos esta corporeidade estrangeira no sotaque, nas nossas comidas, nos hábitos típicos, exotizáveis em cada um dos seus trejeitos, da diferença radical que trazem a metrópole e grande centro colonial. A topografia da colonialidade desenha a matança nas entranhas, em cada pequeno ponto do corpo, em cada modo de olhar inferiorizador, as vezes até mesmo de algum personagem histórico alvo frequente destas circunstâncias que vê na reprodução do ato inferiorizador a saída para sua própria miséria social.

A colonialidade atualizadas nos gestos esquadrinha os corpos e produz o aniquilamento em pequenas parcelas penetrando nas entranhas, podendo esvair as forças e as vitalidades. O olhar de cima abaixo, a espreita de uma perversidade dos gestos da inferiorização. Rouba-se a tranquilidade e uma certa dignidade a cada instante. Assim, percebo que falo desde um lugar sociopolítico que não existia até o momento em que resolvi escrever a respeito disso neste trabalho de doutorado.

“(…) é no artifício, e só nele, que as intensidades ganham e perdem sentido, produzindo-se mundos e desmanchando-se outros, tudo ao mesmo tempo. Movimentos de territorialização: intensidades se definindo através de certas matérias de expressão; nascimento de mundos. Movimentos de desterritorialização: territórios perdendo a força de encantamento; mundos que se acabam; partículas de afeto expatriadas, sem forma e sem rumo.” (ROLNIK, 1989)

Os cálculos nas circulações desde as próprias marcações são milimétricos para diminuir ao máximo os aniquilamentos frequentes, assim nos percursos micropolíticos. A agressividade emerge em defesa da violência de outre, a raiva precisa então ser organizada para ser então devolvida ao mundo.

Presumir que a outra pessoa está em patamar menor que o seu próprio antes de lhes trocar quaisquer palavras ou assuntos ou aproximações fórmula este ranço da colonialidade do poder nas suas micropenetrações nas relações. O olhar de cima para o outre que fica relegado a estar preso numa localização imagética-discursiva inferior.

Deste modo, há uma reprodução sistemática da ordem colonial que este projeto se atualiza nas penetrantes linhas de morte que põem a diversos níveis de matabilidade alguns em prol da vida de outres. O descarte de algumas subjetivações e rota certa para muitos e ser tratade com alguma humanidade por diversas vezes torna-se artigo de raridade.

Deixei em cada uma das relações e em na grande maioria das circunstâncias o dito a minha recusa da ordem colonial que queira me posicionar subjetivamente de formas inferiorizadas. Em respeito a minhas e meus ancestrais. Em respeito a toda uma história coletiva, de um povo.

O recuo de todas e todos tem sido feito e marcado na história, a inversão da ordem colonial desde cada gesto, cada palavra e língua que foi roubada ou mesmo extinta, desde cada saber ancestral, cada movimento (forçade) a ser esquecido pelo nosso corpo. Até que seja reparado, ao menos em parte, todos os danos psíquicos, materiais.

Tornar-se um corpo político em seus exercícios de implicação ativa não é escolha para quem vem de determinadas áreas e marcações

sociais. É preciso tornar exposta esta trama desde as minúcias que nos atravessam, pois é no corpo que tornam-se visíveis as marcas causadas pelas investidas perversas dos jogos de poder. Não há escolha sobre pontuar ou não sobre os mecanismos de soterramentos e desumanização do próprio corpo, a movida de pessoas subalternas expõe necessariamente o fedor das teias e o desagradável ao paladar de quem tem as vias com passe-livre para si. As perversidades são desnudadas, não há como defender pela metade alguma ético-política a qual se proponha.

A todo momento se diz desde os gestos, as falas, os posicionamentos no mundo, quais são os lugares subalternos nos quais as pessoas racializadas precisam estar. A todo momento, o dedo do colonizador nos aponta para d`onde precisamos ir e somente ali haverá passagem pela via do seu mundo, é quem dita os códigos e quais as condutas que precisamos fazer se quisermos ser algum ticket e passagem. É uma constante esta luta de lidar com o irracional, como diz Fanon (2008), que é o trauma de lidar com o racismo.

Ser a todo momento subjetivado como uma inferioridade vil e prejudicial para a convivência em sociedade. Achar, portanto, que pode fazer uma ainda uma gestão escravocrata destes corpos e vidas é uma constante. A todo momento se está na encruzilhada entre os cálculos dos níveis de riscos do quanto se expor, avaliar os detalhes do automático efeitos de aniquilamento vindo das atitudes do colonizador e o quanto poderemos efetivamente não recuar em termos da nossa humanidade e dignidade. Uma encruzilhada tripla.

Portanto, realizar fratura do mundo que torna nossa vida impossível faz-se tarefa vital. Construir rachaduras desde os lugares de nossa implicação, e digo a minha aqui dentro da área da Psicologia abre possibilidade de abrir espaço para tessitura de territórios habitáveis para quem este mundo do cisheteropatriarcado<sup>9</sup> pouco encontra morada.

---

9

Significa um sistema sociopolítico em que a heterossexualidade, o gênero masculino e a cisnormatividade (pessoa que possui o sentimento interno/subjetivo de gênero conforme com o que nasceu) e que mantém status de privilégio em relação às pessoas trans\*.

## Xenofobia no Pará

Há vinte e três anos atrás, em 1995, eu me defrontei pela primeira vez com a atroz violência de uma xenofobia-racismo quando fui morar no sul do Pará por ocasião de uma transferência de trabalho de uma das pessoas da minha família para a cidade de Parauapebas. Tinham poucas pessoas paraenses na cidade na ocasião, a grande maioria de habitantes eram sudestinos e sulistas que estavam ali para trabalhar nas empresas prestadoras de serviço, incluindo na grande empresa mineradora da região, que realizava extração de minérios (ferro e ouro, principalmente) gerando elevado faturamento para a região e atraindo outros vários serviços que aos poucos instalavam-se na cidade. Meu pai foi trabalhar no hospital municipal e fui, juntamente com minha mãe e irmão, no ano seguinte.

Ao longo da década de 80 foi um período de forte migração de pessoas de outras partes do país para a região sul e sudeste do Pará, em especial para trabalhar em grandes projetos que passaram a se estabelecer na região. Dentre estas, haviam muitas maranhenses que iam ocupar mãos de obras mais baratas das empresas, além de sulistas e sudestinos as quais ocupavam cargos mais elevados, como forte evidência de que a regionalidade neste território marca uma diferença de posições na divisão do trabalho e, por conseguinte, de classe social.

Lembro que em todos os lugares que frequentávamos, desde o bar, o clube, e, principalmente, a escola, haviam situações bastante desconfortáveis com chacotas e diminuições das qualidades do estado, da cidade, dos nossos costumes, das comidas locais, bem como os demais modos de vida. Eram costumeiras as depreciações advindas de pessoas migrantes das regiões d'antes referidas. Era uma frequente precisar bater boca na escola com as outras crianças que, tal qual os adultos que eu via nos outros lugares, tinham seus

repertórios de depreciações, os quais eu rebatia perguntando-lhes por que elas não retornavam para onde tinham vindo se lá era tão melhor como elas costumavam afirmar.

Outra lembrança vívida era de ser um tanto raro na minha infância ver notícias locais nos meios de comunicação. Costumava ser veiculada mais nas rádios, porém na televisão era bem menos frequente, e eu sempre me perguntava por que nos víamos tão pouco nos noticiários, com tantas barbáries que aconteciam nas nossas cidades, e que passavam muito mais notícias de longe – em geral das cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, grandes centros que detêm a centralidade da produção e circulação das imagens, bem como a decisão a respeito das modalidades de informação a serem difundidas.

Estas duas situações evidenciam diferentes aspectos da xenofobia como nos atingia e atinge, mais especificamente, desde onde estive implicada de modo mais direto via minhas experiências. Um primeiro modo de realizar a inferiorização de corpos nortistas pela via dos costumes/sotaque/modos de vida, numa forma direta de diminuir a subjetivação e afirmar sua estada predatória em terras amazônidas, já historicamente marcadas por este caráter do extrativismo de seus itens da terra<sup>10</sup>, e que se estendia às pessoas, desde os tempos coloniais.

Marcadas de cara desde o sotaque, no tom da fala, já trás a marca do estranhamento e muitas vezes e identificação direta e apressada com o sul do Brasil, por serem pessoas que também falam a partir do pronome o tu. Nossos palavreados também são mencionados com alguma atribuição cômica devida as misturas entre ele e o sotaque, que então são levadas a interpretações simplórias destituindo toda uma história e singularidades amazônidas que guardamos nos nossos corpos e vidas.

---

10  
amazônida.

Estes itens da terra se referem as drogas do sertão cujo extrativismo era baseado no período colonial

Estas atitudes xenófobas são direcionadas a uma outra que ameaça com sua presença uma determinada localidade regional ou nacional. Portanto, trata-se de uma nova forma de racismo, neste caso especificamente direcionado para as diferenças culturais e étnicas. Um modo de tratar a outra como estranho, estrangeiro (CANEN, 2014) em sua condição e modos de existência.

A xenofobia configura-se como um medo irracional a este estrangeiro que em sua presença incita ameaça e causa profunda aversão a estas pessoas advindas de outros estados ou países, medo este que pode se apresentar de diversos modos como suspeição acerca de suas atividades, agressão ou mesmo pelo desejo de eliminar a presença deste outro. O motivo pode ser devido a cor da pele, quando direcionado a pessoa estrangeira e neste caso se aproximando de práticas racistas, ou pode ser também ser devido a alguma das suas variadas condições de migrante.

## Xenofobia no Sudeste

Os necessários frequentes cálculos com relação as maneiras de se posicionar e de se afirmar pelos quais o corpo colonizado precisa passar gera um enorme desgaste, além de trajetórias quebradas com relação as estruturas erguidas e possibilidades mais privilegiadas de modos de vida. A identificação das partes deste corpo e ao que remetem nestes termos de uma inferiorização, torna-se importante elemento para ver no que tocam as interdições, interpelações, bem como no que facilitam as passagens para os corpos racializados.

Como exemplo, a fala tornou-se elemento fundamental de localização da minha racialidade com referência a regionalidade ao passar a morar no sudeste. No sotaque carregado com suas tonalidades e ritmicidades, nos palavreados, nas conjugações desde o pronome tu, percebo que nossos modos de organizá-la com uma certa frequência possibilita sermos esquadrihades em estranhamentos e ou estereotipias variadas nesta circunstância da mover-se em estado diferente do nosso.

Por diversos anos, desde 1995, tenho sentido na minha pele e entranhas esta marcação do meu lugar regional-racial, as agruras de pertencer a um espaço geográfico altamente marginalizado e ter a difícil defesa de uma outra posição possível. Isso me permitiu detectar alguns acionadores desta xenofobia com uma ação sobreposta ao um lugar racial-regional ao qual pertenço. Por exemplo, pressupor que por via de uma identificação étnica seja o modo imediato de iniciar alguma conversa comigo, como o tema de alguma comida típica do meu estado, ou o assunto tecnobrega ou algum outro elemento típico do estado d'onde venho. Isso trás desconforto, pois pode ser algum outro assunto por meio do qual eu deseje conversar. São constantes atitudes de estereotipar previamente vários elementos da corporeidade, na fala/sotaque, dos modos de se mover e de estar no mundo.

A branquitude precisa localizar em alguém, desenhar seu alvo, para eleger como depositário da inferioridade. Os jogos da colonialidade do poder redirecionam para ai então todo um investimento capaz de efetuar a torção da inferiorização, alimento necessário e fundamental para garantir os postos dos senhores e senhoras, de coronéis, de modos mais intocáveis possíveis. O desvio para este local vai aos poucos revirando e ou aniquilando potências, além de uma eliminação muitas vezes gradual da própria existência, visibilidade, alguma humanidade e dignidade dos indivíduos - alimento dos jogos de poder que incidem as forças tristes, a quebra das cadeias e sequências potencializadoras dos modos de ser e existir no mundo.

Estas investidas da inferiorização desembocam também na infantilização do corpo e da vida da outra pessoa em seus vários meandros. Es outros não podem ser apenas inferiores, precisam ter características e serem tratados a partir de uma leitura de imagem e com linguagem infantil. As estratégias são variadas para mantê-lo em seu lugar deslocado, menosprezado, inferiorizado, para que então garanta ao colonizador o lugar da superioridade. O cerceamento da subjetividade e dos modos de expansão são expressamente necessários para manter estas configurações do poder em prol de um mesmo lado.

A chegada no sudeste desembocou para mim certa atualização do antes vivide no sudeste do Pará. A busca de construir um lugar para acolher toda um aperreio da inferioridade que o mundo nos oferece, a possibilidade do existir e ter algum respiro no intervalo do não-ser. Fazer este intervalo, a morada, a pausa, ainda que temporária e as passagens possíveis, algo que para criar modos de estar neste novo canto com dignidade.

“Migrar (desde uma ex-colônia rumo aos portões do Império) é: não ter direito a ficar, mas também não poder sair. É consentir dever uma dívida que não é nossa. E cair indefinidamente na mesma armadilha de abandonar-se para permanecer, diminuir para caber, inexistir enquanto corpo para

pleitear uma forma residual de existência jurídica. É fazer da pele uma superfície a ser esticada muito além do limite e, ainda assim, estar comprimida entre fronteiras. É perder o chão a cada passo, e ter de refazê-lo aos tropeços. É gaguejar o próprio nome, confundir-se na própria língua e ter cada frase e cada gesto simultaneamente hiper-interpretado e incompreendido. É morar na perda, descansar na falta e costurar, dia após dia, as bordas incontornáveis de uma ferida inelutável.” Jota Mombaça, publicado do facebook em 29/05/2018

Assim, marcar a nossa própria condição e singularidades neste lugar migrante é passível de incitarem interdições xenofóbicas como modo de recusa das diferenças étnicas/raciais carregadas. As narrativas apresentadas desde estes lugares podem ficar a iminência de ou mesmo serem tragadas pelas nomeações equivocadas de outre, desde o sotaque, um gesto, algum tema típico e sobre o qual se realiza a codificação de ume outre, ou mesmo outre de outre. Uma certa ordem colonial age realizando uma automática codificação que desloca estas narrativas para o lugar da exotificação, da caricatura, do humor, de modo a serem depostas em uma inferioridade.

Afirmar, portanto, algum modo de regionalismo nas nossas práticas e ações pode ser tarefa perigosa, caso não seja atenta as suas formas de apresentação em termos de imagens e narrativas, pois será de acordo com elas que também podem ser evitados os deslocamentos para as leituras equivocadas estigmatizantes dos corpos e vidas.

Os discursos de ódio desferidos podem reduzir as atitudes que agem de modo implícito, subliminar, mas também de modo direto legitimando algum tipo de violência não apenas a nortistas, mas a nordestines, ciganes e pessoas migrantes ou imigrantes. Um modo de se desferir desprezo não apenas a um indivíduo quando a este é direcionado algum preconceito, mas ao grupo étnico-racial o qual ele representa bem como aos signos que lhes são correspondentes, impedindo-os tanto pessoal quanto coletivamente de assumir lugares de importância para suas coletividades nos espaços públicos de poder. Nesta direção, as agências decisórias recaem, portanto,

primordialmente nas mãos de pessoas nascidas nas cidades/localidades que são centros financeiros em vez das pessoas migrantes.

## Racismo

O racismo não nos deixa ser humano, já disse Grada Kilomba (2016) em uma entrevista feita para Djamilia Ribeiro. Ele nos rouba o tempo, a dignidade, a tranquilidade, e ainda nos convoca constantemente para uma posição de didatismo a respeito do que sujeito branco pode/deve fazer para combatê-lo; contudo, ainda que algumas de nós nos dispomos, não precisamos ser obrigadas tendo em vista as centenas de anos passados do período da escravidão neste país e os mais diversos materiais/pesquisas/discussões já produzidas a respeito do tema.

Esta convocação para didatizar o lugar racial que ocupo, com referência de ser alguém do Norte e da Amazônia, chega até mim com uma certa frequência nesta morada no sudeste, como se a referência regional/étnica fosse a única e primeira que eu apresentasse, fazendo com que eu ocultasse algumas informações/localizações étnicas/regionais de algumas das minhas redes sociais em uma tentativa de evitar que se tornassem os únicos indicativos de nomeação ou subjetivação os quais me fossem atribuídos. Passei a perceber o quanto o racismo vai delimitando alguns dos lugares que ocupo e se atualiza no sentido de um “falar por mim”, exigindo que eu constantemente atualize quais são as minhas próprias narrativas, as minhas próprias histórias, os meus próprios hábitos, os meus próprios trabalhos, desde a minha própria voz em um empenho e afirmação para retomar e reafirmar a minha própria linguagem.

Esta identificação racial minoriza e outre, segundo Quijano (2000), e naturaliza as desigualdades; e esta forma moderna de racismo que bestializa as pessoas, além de torná-las selvagens, pertencentes a uma raça inferior, menorizá-las, nasceu com o advento da América pelos colonizadores.

Demorei bastante para ratificar e admitir a minha racialidade. Até lá estive de um lado para outro com uma dificuldade no reconhecimento e configuração da imagem corpórea especificamente desde a minha raça. Lembrei bastante de Fanon em meio a isso, quando em “Pele Negra, Máscaras Brancas” ele diz sobre as pessoas de cor terem dificuldade de elaboração do seu esquema corpóreo. Eu via acontecer exatamente isso comigo e, com o passar dos últimos anos, com uma evidência e confirmação ainda maior de que processo se tratava este. Foi então a ordem dos acontecimentos, em especial os da ancestralidade, que me contaram a respeito da minha raça: estava ali incorporada em mim e dela eu não poderia mais fugir, eu precisava reconhecer a condição irremediável de ser negra e a condição de condenada a se fazer/subjetivar desde a terra.

Contudo, há muitos anos eu não estava mais em análise, e nem queria pois achava neste momento importante lidar com o sofrimento de maneiras menos privadas. Entretanto, não estava inserida diretamente em nenhum grupo que debatesse racialidade, destes onde também falam e acolhem coletivamente os sofrimentos; e uma grande parte das experiências de relações próximas que tive com pessoas da militância racial na cidade do Rio foram bastante violentas, no sentido de diminuição ou eliminação da possibilidade de que eu tivesse algum sofrimento racial. Era também uma recorrente precisar lidar com as deslegitimações, inferiorizações, em muitos espaços nos quais estive presente – algo que antes atribuía apenas a xenofobia, aos poucos fui identificando o cunho também racista quando chamada, por exemplo, na universidade de “marginal” por uma mulher branca por realizar no período uma festa de rua com músicas de aparelhagem<sup>11</sup>, além de “mulata” por um homem e no metrô, de “ei, morena” por um homem bêbado que fazia alguma menção de elogio com isso. Ainda tiveram as circunstâncias de ser chamada em relações sexo-afetivas de “mulher da mata” ou de ser tomada como objeto de curiosidade e exótico devido as minhas atitudes de cuidado com a minha ancestralidade e minha proveniência regional.

---

11  
brega, tecnobrega, dentre outras.

Equipamento sonoro utilizado em festas de regiões periféricas das cidades do Pará e que tocam musicas como

Ainda havia o adicional, para que eu não visualizasse logo o racismo que passava, de eu ter o costume de lidar sozinha com as situações dolorosas da vida que emergiam, por achar que devia e que não precisava importunar as pessoas com estas circunstâncias; eu tomava para mim este lugar desde os quatorze anos quando não mais morava com minha mãe e pai e, apesar de ter ido morar com a minha avó e ter seus cuidados, precisava lidar com o meu corpo de modo mais autônoma, especialmente no quesito de resolver sozinha as situações do dia-a-dia que surgissem.

Passei então a rever a minha história, e me percebi, além deste lugar de quem não poderia sofrer de modo algum, uma grande necessidade de estar na oferta do cuidado. Quando era criança por muitas vezes fui colo para a minha mãe chorar devido em ocasiões em que estava com problemas; na adolescência punha para dormir juntamente com meu irmão os adultos da família que haviam tomado bebida alcoólica; de tomar a responsabilidade com o próprio corpo no mundo desde os quatorze; e de realizar uma elevada oferta no cuidado com as companheiras nos relacionamentos que tive, mesmo quando em um deles cheguei a passar por violência física.

Na escola, um espaço de muita dedicação que eu cultivava, ainda era com frequência ridicularizada por colegas e até por amigas por tirar notas boas. Eram meninas na maior parte das vezes, e faziam isso conjuntamente inclusive, por uma desejo de diminuir as minhas investidas e conquistas neste espaço.

Sobre a pele clara, percebo trazer um certo lugar de ser convocada muitas vezes a provar que sofro racismo. Parece acontecer frequentemente em algumas pessoas uma resistência em perceber as várias camadas de preconceito e inferiorização racial para além do fenótipo, e as nossas vivências tem com frequência exposto a respeito disso.

Portanto, o empenho frequente em garantir um lugar da racialidade, neste caso da pele mais clara imputa uma tensão constante por habitar entre a confusão de uma leitura social branca e a leitura social “morena” ou “mulata”, lidar com ambos os casos me gera um desconforto por não corresponderem a minha automeção e história racial. Há vários lugares que transpõem a leitura social do “morena/mulata” para a leitura social da raça como “negra”. De todo modo, viver então este lugar do “entre” é espaço de tensão, pois em diversas circunstâncias da sociabilidade existe esta sempre iminência de ser confundida na leitura racial e, por conseguinte, no tratamento que recebo em cada lugar: podendo ser bom ou ruim dependendo da atitude dos outros.

No sudeste, e especificamente na cidade do Rio onde moro, com bastante frequência ocupo este lugar de “mulata”, “preta branca”, “morena” adicionadas a alguma referência regional, advindo alguma nomeação do meu lugar racial, estranhamentos ou a simplificação da leitura branca; contudo, no Pará não percebo estranhamentos em relação a isso, tanto em Belém ou em Parauapebas, cidades onde costumo estar com mais frequência. Percebo lá uma leitura como branca ou “morena clara” e isso ser de algum modo naturalizado como um lugar que não é negro, racialidade esta que juntamente com a indígena ainda é bastante negada no estado.

As mulatas eram as escravas de pele mais clara, aponta a história, e também eram as que assumiam os postos na Casa Grande no período da escravidão. Aos corpos mais próximos do padrão de beleza hegemônico branco, era e ainda é concedida entrada nos espaços da branquitude, o que não os torna menos negros e/ou deixam de ser propriedade de outre e/ou objeto de causa menor em cada ponto de sua circulação.

A socialização desde as vias da branquitude, deixa-nos ir até certo ponto nas escalas dos acessos dos espaços, classes sociais, escolaridade. A cor da pele mais clara, tem alguma aceitabilidade para alguns raios das categorizações de beleza destas vias, mas faz olhares/gestos/falas de estranhamento dos modos de se subjetivar, dos hábitos, costumes.

Há estranhamentos também desde alguns traços que possuo. Algumas marcas visuais do racismo que disparam reações diversas, muitas vezes sutis como um franzir da testa acompanhado de um mal tratamento, ainda que esteja vestida com roupas muito bem enfeitadas.

Estas permissões para as pessoas de pele clara frequentarem os espaços da branquidade são terminantemente vigiadas. Estamos ali sob algumas condições e com os olhos perseguidos da vigilância branca. A qualquer deslize nas etiquetas de como se portar, podemos ser excluídes sem pestanejar: um modo de nos dizer que podemos entrar até onde elxs quiserem.

Na universidade, entramos “fisicamente”, entretanto a nossa alma, nossas cosmologias e cosmosensações racializadas são constantemente passíveis de interdições realizadas pelas pessoas pertencentes aos corpos e posições hegemônicas nestes espaços as quais são as ditam as normatividades as quais devem ser seguidas neste espaço, que tenta a todo custo alijar quaisquer sinais da racialização advindos dos corpos, das epistemologias, das linhas dos escritos e das oralidades. Todos os vestígios devem ser apagados para limpar e clarear os ambientes ao máximo possível, de maneira a ocorrer incidência atroz da colonialidade do poder para realizar operações de branqueamento dos seus espaços.

\*\*\*

Como/quando me vi negra foi o exato momento de perceber ao longo da vida ter passado por algumas violências em determinado período da vida, contudo me dizendo sempre que precisava ser forte e segurar firme em cada uma das situações; o que de fato acontecia numa grande maioria das vezes com o esforço de quem poderia carregar o mundo e sozinha. E sempre achei que poderia, e vestir esta máscara da fortaleza... sentia que poderia acontecer qualquer coisa que eu daria conta de enfrentar; hoje em dia não mudou tanto com relação a isso, devo admitir. Uma certa dificuldade de pedir ajuda e aceitar as horas de fragilidade me acompanha, afinal, eu fora também ensinada que deveria e que conseguiria suportar tudo, e de algum modo segui bastante este ensinamento. Foi preciso ficar adulta ver uma parte da vida arrebentar na minha frente para então admitir que sim, há o lado frágil com o qual precisarei lidar, admitir, nomear, atravessar. E de mãos dadas. Ainda é um baita desafio para mim.

Outra parte deste momento de se reconhecer negra, foi quando me percebi de uma vida inteira me sentindo marcada pela inferioridade. Quando fui morar em Parauapebas no final de 1994, isso ficou mais proeminente devido a toda xenofobia passada na cidade. O racismo de maneira mais ampla ficou mais evidente para mim com a vinda para o Rio, datando o final do ano de 2014 quando me afastei do grupo de feminismo branco que eu frequentara desde o ano anterior. Nesta ocasião, houve uma ruptura entre feministas negras e brancas em meio a construção de um evento sobre feminismo negro que realizamos devido a uma situação de racismo acontecido com uma das pessoas convidadas a fazer fala. Depois daquele momento, ocorreu como que um choque no meu corpo, um confronto e entendimento maior a respeito das atitudes racistas também acontecidas comigo e, por conseguinte estilhaçamento de certos modos de lidar com estas situações. Foi um bom tempo para assentar as palavras a respeito do que me

suscitou aquela cisão com o grupo, fiquei um tempo remexida com os efeitos daquele episódio. Entrei numa busca um tanto aperreada para nomear e contornar todos os incômodos emergidos, uma busca de memórias e de imagens que pudessem me apoiar em algum lugar de dignidade que eu de repente não conseguia enxergar em lugar algum. Foi como se o mundo tivesse desabado e eu começasse a ver seus lados mais insólitos racistas cujo acesso eu havia sido protegida de enxergar até então. Deste momento em diante, eu sentia desconforto em muitos lugares, bem como visibilizava com maior evidência os motivos que o geravam. Percebia algum modo, gesto, movimento que me remetia alguma inferiorização na referência do meu lugar étnico-racial; um tanto perturbadora a sensação a cada andança pela cidade e a cada encontro que me trazia isso: o meu corpo me alertava para o acúmulo de todos as agruras que eu não quisera ver sobre ser negra em um mundo branco, e especialmente no “fantástico” mundo branco sudestino. Penso que, o longo tempo até concretizar esta consciência de toda violência que o próprio mundo me ofertava, se deveu a uma hesitação e negação em não querer ver e afirmar a negrura em mim com as várias implicações que isto remetia. Hoje em dia percebo que passei uma vida inteira sem ver as pessoas da família se referirem a racismo, mesmo o lado do meu Pai que em maioria é de gente preta, e demais pessoas de outros espaços com quem convivi. Além disso, em casa, tanto meu pai e irmão nunca comentaram sobre alguma situação racista vivida em todos estes anos. Jamais foi tema levantado nas rodas de conversa familiares que frequentei ao longo destes meus trinta e três anos. Percebo que acabei criando uma venda para as violências que se apresentavam ou suavizando-as para não lidar diretamente com as dores que vinham e se sentavam na minha vida a partir desta constante que era ser colocada em um lugar social menor pela raça que marca o meu corpo. A sensação que me acompanhava pela cidade começou a me tomar uma certa frequência e o mal estar suscitado fez com que eu ficasse remexida pelas primeiras vezes pelas convocações da ancestralidade e precisasse cuidar mais de todas as relações no quesito da distância/qualidade/continuidade, especialmente as que eu fiz aqui no Rio. Afinal, o terreno dos afetos sempre foi notadamente algo que me colocou em situações bastante difíceis, marcando-me de modo exotizante, foi então aí que agi bastante incisivamente nas recusas e demarcações sobre o que eu desejo e não mais desejo viver nestes âmbitos.

\*\*\*

“Sonhei que estava no meio de uma revolta, foi num dia seguinte que recebi um texto de uma citava várias revoltas populares brasileiras do período regencial, algumas delas de protagonismo negro. Muitos homens estavam montados em cavalos e portando carabinas, atravessavam furiosos uma fazenda atirando na direção de algumas pessoas com vestimentas simples que estavam perto de uma casa. Elas começaram a correr desesperadas para fugir dos tiros, eu era uma criança e de repente me perdi da minha mãe neste momento da correria para tentar se salvar dos tiros: as duas gritávamos uma pela outra enquanto procurávamos sair em direção a rua que estava ali próxima, quando vi uma senhora de pele clara cair morta no chão. Acordei logo em seguida. No meio de uma das cenas, lembrei que surgiu o rosto de um amigo que mora no Maranhão, então, associei: era a Revolta da Balaiada. Fiquei no meio daquela madrugada, com a sensação de ter estado ali.”

Relato de julho/2018

## Epistemicídio

Os muitos anos de uma impossibilidade d'um acesso a conhecimentos que poderiam mediar e garantir a minha própria vida junto com outras mais parceiras de caminhada, me fez perceber o quão nocivo e até mesmo grave poder ser isso para construção da própria imagem e, portanto, de uma subjetivação para nós que passamos boa parte ou uma vida inteira morando longe dos grandes centros financeiros, onde estão a maioria das instituições de produção de conhecimento, mais circulações de informações, bem como grande concentração das ferramentas teórico-epistemológicas. Lembro do tanto de tempo que levei para conhecer autoras lésbicas e autoras negras, já adulta e estando no doutorado, algo que muitas pessoas já acompanhavam desde tempos de vida anteriores aqui na cidade do Rio. Era uma constante me sentir com um certo atraso neste tempo do acesso em relação as pessoas de outras regiões desde que cheguei no ano de 2011; eu me via sempre com um trabalho duplo: o de me inteirar a respeito das autoras/assuntos que estavam circulando para depois me empenhar em trocar a respeito de maneira mais próxima as pessoas que já estavam muito inteiradas e afiadas a respeito de todos. Isso foi me levando a ficar cada vez mais isolada neste parte de trocar sobre a produção de pensamento que eu vinha efetivando singularmente ao longo dos anos. Além do grupo da universidade, que necessariamente tem um tempo e trabalho em comum produzido, eu me via habitando cada vez mais este tempo diferente de produção e isolamento na produção de pensamento e teorizações. Os grupos que eu ia conhecendo possuíam funcionamentos formados e referenciados numa dinâmica muito própria da corporalidade e dinâmica sudestina. Eu tinha dificuldade de acompanhar, afinal, estava sempre no duplo trabalho de conhecer e me por no tempo dos debates, adicionar uma alta velocidade e ainda em coletivo me parecia um tanto impossível, então, eu acabei por precisar trabalhar sozinha uma boa parte dos anos. Apenas no ano de 2016 conheci mais sobre autoras latinoamericanas e decoloniais as quais eu reconhecia com vidas e experiências mais próximas a minha, como Gloria Anzaldúa, lésbica chicana radicada nos estados unidos. E o livro “Esta Puente, Mi Espalda: Voces de Mujeres Terceromundistas em Los Estados Unidos”, com as escrevivências de mulheres racializadas, com suas relações com a espiritualidade, seus parentes, suas amores, foi grande fonte de inspiração para os escritos e para a

vida desde então.

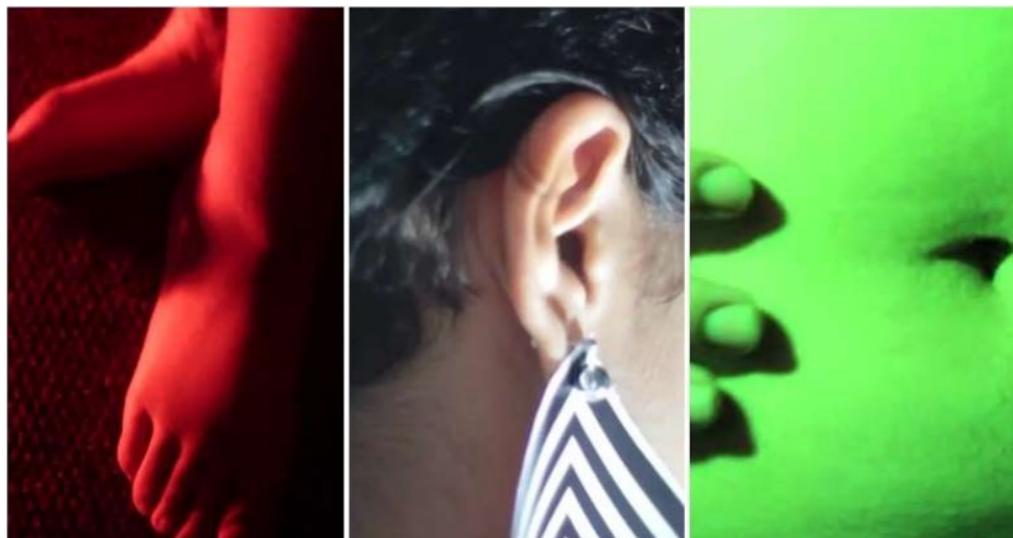
Esta construção de conhecimento, em especial em espaços institucionais, notadamente diz respeito a uma hierarquia colonial que define quem pode falar/o que/quando, segundo Grada Kilomba (2010) em seu texto “Quem Pode Falar?”. Os trabalhos de pessoas negras são marcados como “muito emocionais”, “muito pessoal”, “muito específico”, os quais funcionam como uma máscara constantemente silenciadora das vozes de pessoas negras – existe uma incessante necessidade de controlar a voz do sujeito negro e o forte desejo de governar como abordaremos e interpretaremos a nossa realidade.

“A posição de objetificação, que é normalmente ocupado por nós, o lugar de Outridade, não indica uma falta de resistência ou de interesse, como geralmente acreditam, é muito mais falta de acesso à representação de negrxs e não-brancxs por si mesmxs. Não é que nós não temos falado, mas as nossas vozes - graças ao racismo como sistema - temos sido sistematicamente desqualificadxs pelo que a academia entende como conhecimento válido. E mais: nós temos sido representadxs por brancos, que, ironicamente, se tornam "especialistas" em [nossa cultura] e nós mesmxs. De ambas as formas, estamos encarceradxs numa hierarquia colonial violentíssima.” (Kilomba, 2010)

Sueli Carneiro, em sua tese intitulada “A Construção do Outro como Não Ser como Fundamento do Ser”, menciona a respeito da “memória ancestral concebida como experiência coletiva de dominação, da escravização, da resistência a opressão e da busca de afirmação étnico e as contradições que ela encerra” e é em sua destituição que age o epistemicídio, em um processo de constante produção da inferiorização e de negação das capacidades intelectual de algumas determinadas pessoas desde a sua racialidade. Segundo a autora, não é mais um mecanismo que se destina a alcançar um corpo individual e coletivo, mas sim ao controle de mentes e corações. Afinal, no contexto de dominação e reificação do outro instalada no processo colonial, o estatuto de outre é apenas o de “coisa que fala” e, portanto, não pode realizar grandes elaborações a respeito de si próprio e do mundo. O

colonialismo foi especialista em destruição de corpos, mentes e espíritos em suas investidas, as quais possuem práticas atualizadas até os dias de hoje. E estas constantes desqualificações tem muito a ver com a história do povo negro neste nosso Brasil.

## Corpo-Estilhaço



Filme realizado com as manas em 2016 na “Oficina Feminismos e Resistências na Arte da Vida” e dirigido por mim.

E no escurecer da vida e do meu corpo me veio um rasgo bem no meio. Depois do casamento, depois do último emprego como psicóloga (desde o cargo de acompanhante terapêutica na antiga Colonia Juliano Moreira em Jacarepaguá. Fora um trabalho na área de saúde mental bastante exaustivo, mas com sua enorme beleza ao se tratar do acompanhamento das casas e rotinas de pessoas, muitas delas negras, que já estiveram internadas por muito

tempo e motivos variados em hospitais psiquiátricos); realizando uma clínica ampliada desde ai estes lugares, ora no estacionamento do prédio, ora na sala de espera do consultório médico, ora na lanchonete preferida de alguma pessoa que eu atendia. Isso era o ano de 2015 e agora eu poderia respirar e me dedicar a um único vínculo de trabalho com o doutorado e poder experimentar outras áreas que pudessem agregar ao tema de pesquisa que eu estava investigando até então. Fiz um curso de documentário no Sesc Madureira, inclusive fui a câmera de um filme realizado com es colegas de turma o qual foi enviado para o Festival do Minuto. Participei de cursos, palestras e alguns vários eventos na área de artes/cinema, pois era um universo que eu cada vez mais me interessava em adentrar sobre seus instrumentos de expressões. Neste íterim já acontecia sazonalmente a nossa festa de rua paraense-nortista-lgbtqi nomeada Pirar-o-Cu. Estava bem neste momento em que precisava construir para mim novas formas de vida, de encará-la, de imaginá-la, de compartilhá-la. Arte pareceu-me uma excelente via de costura disso com o que eu possuía de vida até então, eu não tinha um motivo específico na minha história, mas sentia por uma intuição e por um certo magnetismo que era por ali que eu deveria adentrar. Foi quando em algum momento do primeiro semestre de 2016 me inscrevi na oficina “Oficina Feminismos e Resistências na Arte da Vida” e no encontro com certa manada, cozendo minhas histórias, soterramentos, arruinamentos junte com a delxs. Passamos quatro meses juntas numa imersão realizada todas as sextas-feiras na qual fazíamos exercícios de performance, escrita automática, compartilhamento de sonhos, rodas de conversas, dentre outres. Foram processos escavatórios realizados coletivamente para revirmos as colonialidades entranhadas nos nossos corpos e podermos re-habitá-los, além de forjarmos novas possibilidades de diferenciação.

Apesar de circular em espaços feministas, eu cada vez me sentia menos a vontade com eles, especialmente no que tange o compartilhamento das minhas experiências afetivas/subjetivas, ao que socialmente se refere como localizado nos termos da intimidade sexo-afetiva. Atribuí a isso a um certo “recato” - o que tem bastante a ver, considerando que ser um hábito do cristianismo este da confissão em ambientes específicos a serem feitos – que trago da história de trabalho em Psicologia, que realoca estas experiências em grande parte ao glamuroso *setting* terapêutico ou algum outro espaço fechado e, por vezes, de atendimento individual. Mas eu estava ali naquela oficina expondo dores, arruinamentos, histórias guardadas por muito tempo ou para apenas pouca gente. O rasgo em mim estava exposto em palavras na frente de pessoas que eu pouco ou nada conhecia, mas de todo modo sentia por ali uma vizinhança, cumplicidade, confiança, apostas ético-políticas próximas que me permitiram ficar cada vez mais à vontade com a

exposição; e curiosa e (nada) coincidentemente a oficina acontecia no Centro Municipal Hélio Oiticica, no centro da cidade do Rio de Janeiro, local onde ocorrem muitas exposições artísticas. Um rasgo em mim exposto num centro de artes; sentia-me animadamente desconfortável com a situação algumas vezes, um tanto paradoxal assim mesmo. Conectar a minha dor a outras dores de maneira solidária, generosa, como Vilma Piedade (2017) se refere em seu conceito de dororidade em seu livro de mesmo nome, ao se referir a solidariedade entre mulheres negras quanto as suas dores historicamente silenciadas, era algo que sentia acontecer por ali; entre pessoas racializadas, transexuais, travesti, bissexuais, lésbicas, nordestinas, nortistas, dentre outras minorias políticas cujos corpos são alvo e suas histórias atravessadas por violências. Aprendi mais sobre conectar a minha dor a dor de outres, e que podemos aí fazer alinhavos de possíveis nas cavidades dos entres todos e fissuras que habitamos. Refleti bastante sobre esta comunicação entre as dores, em como este corzer, a tarefa de remendá-las com pontos miúdos, que podem ser invisíveis, mas deixarem vestígios para que outres também possam acessar a teia que se forma e compor modos de estar e de se potencializar juntas. Os estilhaçadas vidas nossas das opressões de gênero, sexualidade, raça, regionalidade intercomunicavam-se. Um estilhaço meu refletia em outros estilhaços, que por sua vez também se refletiam em mim. Produzimos extensões a partir destes acoplamentos dos estilhaços nossos: lembro do filme e do importante processo que se desenrolou em um dos últimos dias da oficina. As partes do corpo de uma, as partes do corpo de outre, contando as suas histórias sob luz verde, vermelha e branca e em as várias mãos que se alternavam entre as duas câmeras com as quais registramos, a minha e da Angela Donini. Contávamos das nossas vidas-estilhaços e que tinham a ver com uma parte do corpo escolhida pela própria pessoa. Este momento me levou ao futuro, em 2017, quando conheci e li pela primeira vez Achille Mbembe (2014) e a parte “em larga medida, só o estilhaço permite abrir o retângulo da vida” - estacionei por um tempo neste trecho na leitura do livro “Crítica da Razão Negra”. Em um período de visibilizar os pedaços e estilhaços era este da oficina. Uma vida de antes se desfez e, ao ao caçar inventar formas outras de seguir além dos desenhos da ancestralidade, cheguei até ali na construção daquele filme – inclusive, com o fato de agora me ocorrer nos pensamentos que estou numa sexta-feira escrevendo este de texto me ratifica que não existem mesmo coincidências.

Percebo então que desde esta experiência conjunta tecemos uma malha e um certo corpo coletivo movente que se liga a outros de acordo com o tempo dos acontecimentos políticos e, ainda que haja assimetrias e diferenciações das nossas singularidades e marcações sociais, conectamo-nos neste encontro de imagens, corpos, momentos, damos passagem a uma possibilidade de existir e de uma travessia futura para as distopias do mundo. É como

uma suspensão no tempo muitas vezes, com a duração de alguns segundos, que nos põe em produção de outros planos e possíveis.

\*\*\*

Os dessoterramentos ex-põem a ferida colonial que as instituições, as pessoas e o mundo de maneira geral como resquícios da história colonial sob a qual ele se funda. A operação de escavar em nós mesmas para a expor os fósseis, os escombros, os vestígios, todas as histórias, os os temores, as dores que vão sendo aos poucos escondidas, enterradas para que ninguém as veja ou possa sentir os odores fétidos dos traumas que são atualizados pelo mundo sobre estes corpos que não lhes importa ou até mesmo não lhes valem nada. Deixar as superfícies mais lisas mais e alvegadas tornam salubre, límpidas, assépticas para a boa passagem dos corpos hegemônicos, os únicos que por aí atravessam. Os corpos das classes mais altas, das cores mais brancas, e que contemplam as cisheteronormas.

Em meio a estas reflexões sobre estes dessoterramentos, penso muito neste lugar nortista/amazônida, em quanto percebo ter sido preciso escavar muitas camadas para dessoterrar os escombros os quais fomos enfiades história abaixo e destravar o corpo. Precisei sair de lá da minha terra e vir morar na região sudeste e bem na cidade do Rio de Janeiro, antiga capital do Império e que resguarda com bastante apego muitas heranças deste período e um dos grandes centros financeiros do país, para poder conhecer os instrumentos teóricos/ancestrais/metodológicos/epistemológicos com os quais pude visibilizar e em detalhes as várias camadas do meu corpo amazônida; situação um tanto curiosa esta de precisar estar longe para poder se aproximar, realizar um retorno, mas ocorreu pelo motivo de ser quando estamos nestas metrópoles/centros financeiros que podemos acessar grande parte das tecnologias produtoras nossos corpos em suas múltiplas camadas e necessidades.

Tem sido importante notar em meio a este processo as formas de emergirem os racismos, as xenofobias das pessoas, em especial na cidade do Rio de Janeiro d'onde ainda moro. Acostumades a nos ver desde certas ópticas do exótico, do excêntrico, e demais denominações que nos tiram sobremaneira a humanidade, pode surpreender quando somos vistas desde os modos de vida triviais, comuns, como tantas outras pessoas o tem. Um exemplo disso para mim foi a respeito de ser conhecida por aqui pelo motivo e, portanto, com referência a festa de rua paraense-nortista-lgbtqi que realizamos na cidade e que possui a proposta de um tom bem-humorado da cultura lgbtqi, em especial a periférica de localidades paraenses. Nem pela festa, que eu amo demais e tenho orgulho, mas por ser de primeira e quase unicamente referida como uma “produtora de festa” e esta específica, passei a cuidar mais das publicizações assuntos de humor, em especial nas minhas redes sociais, pois estava sendo lida restritamente esta com uma única atividade de vida. Isso pareceu-me por demais desumanizador e xenófobo-racista; afinal, diz respeito a ser visualizada apenas desde um lugar étnico e com referência a uma determinada regionalidade a partir de elementos humorísticos. Realizar uma recusa sistemática a partir dos gestos de posições estereotipadas/estigmatizadas as quais me sejam ofertadas é uma frequente ao longo destes anos em faço morada na cidade. Recuso a convencer alguém sobre a necessidade de se referir de maneira digna, entretanto, em cada gesto e postura do meu corpo quero sim que isto aconteça.

Como no exemplo anterior, em muitas outras circunstâncias sinto-me que existe uma ordem colonial que me impõe um lugar racial estereotipado e que me forja como imagem caricatural na qual eu não me reconheço e me vejo com o inevitável trabalho de negá-la, em vez apenas poder seguir o meu caminho e as minhas próprias afirmações de corpo e de vida. Esta operação envolve um também inevitável esgotamento, pois me vejo habitando a todo instante o entre a fuga das estereotipias e a as lutas por afirmação, este jogo incessante nas constantes atualizações dos desvios das forças de morte que incidem sobre os corpos racializados. Somos condenades a terra e também a permanecer em imagens e camadas de soterramento sobre as nossas histórias, memórias e existência sociopolítica. As nossas várias camadas subjetivas, portanto, nestes processos podem ser destituídas da vitalidade e das permissões de visibilidade social, incluindo a perda do nome, da própria imagem, da corporeidade transitando-se em diversos graus de nulidade, de vulnerabilidade e precariedade para que possa atingir em alguns momentos que sejam, seus atestados de existência. Reverter estas ordem coloniais é empenho frequente, a ser realizado de maneira coletiva e criativamente para desenhar a vias de conexão entre as pessoas racializadas, bem como as

atualizações ancestrais dos seus espaços de vitalidade. Uma operação incessante a ser realizada sobre o mundo.

## Ancestralidade

\*\*\*

A imagem, a trocas e a inspiração de outras mulheres negras foi primordial para não desistir em momentos difíceis, para que eu pudesse reerguer os ânimos e apostar novamente nos caminhos de trabalho e de vida. Foram nestas relações ou apenas encontros que pude aprender a respeito de dororidade, ancestralidade, saberes de outro tempo, onde eu pude construir a minha própria corporeidade enquanto mulher negra, que fez ela elevar-me dos soterramentos subjetivos coloniais d'onde estava. Sou imensamente grata às forças ancestrais por trazer para o meu caminho cada uma delas. Ensino de não abandonar o corpo preto à própria sorte do racismo desde as horas e momentos mais aterradores, arruinados ou desabados e nos enfrentamentos diários para criar imaginações que impostam modos de fazê-lo existir e resistir em cada fuga, em cada gesto de sua afirmação, em cada um dos seus pontos de existência. Trabalho de firmar o passo aprendendo umas com as outras a imaginar e criar passagens .

\*\*\*

O acender a fogueira à meia-noite num dia festivo no Quilombo São José reconectou em mim alguma coisa. Num dia de maio de 2015. Parei bem ali, estava ao lado de um amigo, no choro da lavagem de muito do que eu havia sido antes. Olhava atentamente, ao som de uma roda de jongo, o fogo uns dois metros ao alto queimar cada pedaço de madeira. No dia seguinte, a vista do alto daquele Vale na cidade de Vassouras fazia pulsar em mim algo muito de resistência. Sentia naquela circunstância uma presença diferente no meu corpo. De volta ao Rio, passei quase uma semana sob os efeitos e com faixas novas de sensibilidades sentindo-as vibrar em mim.

Um tempo depois, em setembro do mesmo ano, numa larga escadaria no Pelourinho, cidade de Salvador, inicia uma performance de duas pessoas negras. Ficamos em várias ao redor assistindo enquanto uma enfiava algumas agulhas na testa de outra, que preenchia largamente as escadas com o seu vestido branco de vasta calda e alargava um reinado todo por aquele momento. Um silêncio, todos os olhos direcionados ali para aquela reverência, cuidado, mãos tocando-e-sangrando a testa da outra. Depois seguiu um cortejo, descendo as escadas, fomos até em frente a festa do Congresso Desfazendo Gênero (na sua segunda edição). Bem ali todos agacharam, toquei minhas mãos no chão, e de repente a força da performance dela tocou ali os corpos de todos nós. Eu senti a energia de sangue e morte da história do Pelourinho naquela exata hora, aquilo me deixou aturdida e me tirou a fala por alguns minutos. Depois disso, houve um certo alvoroço, vi algumas pessoas irem na direção de uma mulher num intuito de acudir-la – era alguém que havia bolado no Santo<sup>12</sup>. As pessoas levantavam aos poucos daquela sacudida. Ficou reverberando em mim por alguns dias aquele gosto de açoite e de morte negras, além de imagens do período da escravidão. o Pelourinho saiu do meu roteiro na ocasião desta viagem.

---

12  
a energia de algum Orixá.

Circunstância de acontecer um certo desfalecimento do corpo de alguém não iniciada e ao lhe passar próximo

Em abril de 2017, em uma festa de terreiro em que fui, o som dos atabaques me fez balançar e foi a minha vez de bolar no Santo. Os sons chamaram e senti vibrar em cada parte do corpo a minha conexão com aquela cantiga advinda de outro continente e que me revelava ali naquele som e história também é minha morada. Corpo de cor escura e das frequências sonoras. A presença de Orixá me confirmou que as forças de meus/minhas ancestrais estavam pediam passagens e morada. E, como bela surpresa, Oxalá quem guia.

Em duas ocasiões na circulação na zona portuária do Rio de Janeiro, também aconteceu de perceber as mortes acontecidas há muito tempo atrás, em maioria de pessoas negras, naquele lugar. O solo conta suas histórias e chama-nos para torná-las vivas, atualizá-las, pô-las em palavras e voz para que jamais sejam esquecidos os sinais de que ali as tenebrosas e soterradas memórias da história da escravidão ainda estavam por serem lidas. Cais do Valongo das importações, exportações e enterramentos dos corpos da pele preta.

\*\*\*

Meu Orí seguia agora meu caminho.

“Orí significa a inserção a um novo estágio da vida, a uma nova vida, um novo encontro. Ele se estabelece enquanto rito e só por aqueles que sabem fazer com que uma cabeça se articule consigo mesma e se complete com o seu passado, com o seu presente, com o seu futuro, com a

sua origem e com o seu momento alí” Trecho de Beatriz Nascimento em seu filme Orí.

Em vistas de um labor diário para fazer os caminhos de vitalidade para por sua cabeça, o primordial Orí de orientação e bússola da vida, que precisara ser articulado com o passado, para então estarmos mais firmes no presente e com atenção ao futuro. Isso é estabelecido enquanto novo estágio da vida por meio de um ritual e pela pessoa que possa tocar e fazer uma cabeça. Neste ínterim, o cuidado realizado em uma, pode recuperar a saúde de uma pessoa e de um povo inteiro.

E em certo dia, eu meio às horas de trabalho, li o trecho

"[...] Pode-se retirar conclusões semelhantes de sua caracterização da mulata. A ela não é permitido ser esposa ou mãe, pois é o símbolo da liberalidade sexual. Ela não é respeitada nem como mulher nem como indivíduo. Sua função é atrair os homens, ser explorada por eles e em troca explorá-los para obter o que quer através do sexo." (Pacheco, 2008)

De um pronto o mal estar por ter lido aquilo lembrou-me acontecimentos dos meus idos relacionamentos sexo-afetivos nos quais vivi situações de ser objetificada. Memórias de violência trouxeram certa desconforto e precisei parar a leitura ali mesmo, fui fazer outras coisas, sentindo atravessar aqueles afetos e lembranças com os quais eu já tinha me deparado antes e agora eu poderia nomear e localizar nesta “mulata exotizada” este lugar negro para então criar modos de lidar com os efeitos por vezes violento de habitá-lo.

## Indicações em Psicologia

Com os meus pudores a partir de uma história de atãauço em práticas da Psicologia, demorei bastante tempo para transformar escritos sobre arruinamentos sobre temas variados da minha vida, além de diários físicos, para os escritos da tese. Atribuí isso um tanto ao certo pudor que trazia ainda do hábito desta área de manter este tipo de assunto para locais reservados, para o *setting* terapêutico, lugares arejados os quais pudessem manter um véu da suavidade na acolhida dos acontecimentos, ruínas, dores, expurgos, desmoronamentos e saírem dali límpidos e, só então, prontos para conviver em sociedade.

(Uma Psicologia que pode muitas vezes em suas práticas obsessivas não olhar para o sofrimento além d'um *setting* ou de outras formas da institucionalidade por onde percorre; e é realizada por corpos muitas vezes hegemônicos em suas marcações de classe/raça, gênero/sexualidade).

Não encontrava mais naquelas práticas terapêuticas individualizantes específicas a acolhida e respostas para aqueles acontecimentos pelos quais eu estava passando. Percebi que algumas dores que me ocorriam não eram dores apenas minhas, e sim faziam parte de determinadas coletividades que viviam desde algumas determinadas marcações minoritárias, portanto, aquelas eram dores também políticas e precisavam ser organizadas desde este lugar.

As dores da racialidade e da racialização, as dores das diásporas (as quais os povos racializados enfrentam na busca de novas possibilidades de vida, ferramentas, um lugar socioeconômico melhor para si e para ser compartilhado com sua família), precisavam

ser enfrentadas de maneira a serem ainda criadas muitas vezes. A Psicologia conhecida até então me oferecia algumas vias apenas a este respeito.

A experiência de estar no Rio de Janeiro, algo que tanto ansiei pelos acessos e possibilidades que eu não pudera até então, bem como para poder fazer uma pós-graduação (em um nível que ninguém da minha família havia chegado), estava sendo potencializador e ao mesmo tempo tão traumática por toda receptividade que havia para com os meus modos de vida, com o meu sotaque, com a minha história. Eu via uma parte da minha saúde indo embora a cada relação e circunstância que media por menos cada ponto da minha diferença e referência ao Norte de toda uma vida. Foi um tanto aterrador reconhecer cada detalhe disso e perceber o não-lugar que nos impunham como condição para circular num lugar-metrópole brasileira.

A colonialidade do poder (Quijano, 1997) incidindo nos corpos uma leitura visual e subjetiva automática, de um modo a realizar um aprisionamento na ordem colonial da visibilidade e tecer impedimentos vários para que o corpo torne-se inteligível para uma livre circulação e sua própria expressão. É um modo de suprimir vitalidades que possam dar passagem ao corpo estranho, estrangeiro em sua racialidade a este lugar.

Escapar de cada uma das determinantes ordens coloniais as quais somos diariamente expostos é uma constante ação a ser feita diante das investidas de soterrar os corpos racializados e dos consequentes danos psíquicos provocados por elas. O corpo minoritário e ou colonizado por diversas vezes é encolhida pelas investidas “opressoras” do mundo para com suas formas de respirar, andar, comer, se relacionar, viver.

Deste modo, são criados subterfúgios racializados que sirvam de abrigo e extravasem a energia acumulada, local este o qual se refere Fanon (2015) em seu livro “Os Condenados da Terra”. No caso de serem usados espaços terapêuticos para serem realizados estes

cuidados, muitas vezes não é suficiente um único apenas para lidar com os efeitos psicológicas danosas provindas de cada encontro que se estabelece com as situações de diminuição das diferenças.

Deste modo, interrogo-me:

Como realizar um trabalho terapêutico para fazer existir o corpo considerado socialmente inexistente?

Quantas artífices e criações um corpo precisa fazer para afirmar que se existe? Quantas associações?

Quantas e quais pontes de afeto precisa um corpo minoritário para ingressar e permanecer em espaços hegemônicos institucionais, como a universidade por exemplo?

Afinal, algumas práticas normatizadoras em Psicologia podem várias vezes deslegitimar, normatizar os modos de vida os quais são fora de um padrão da heteronormatividade, da cisgenereidade<sup>13</sup> e da branquitude e que são adicionados como sintomas individuais primordialmente sem serem priorizadas as análises dos contextos racistas, LGBT'fóbicos, classistas atualizadores dos sofrimentos destas populações minoritárias. Portanto, acaso localizadas nestas práticas, a Psicologia pode contribuir para a normatização e feroz genocídio das vidas destas populações.

Como então contribuir desde os trabalhos terapêuticos para estabelecer uma estabilidade e saúde mental de corpo advindas de vulnerabilidades sociais desde a classe, a raça, o gênero, a sexualidade? Quando os gestos, discursos, às vezes de maneiras muito sutis nos sinalizam e ainda nos posicionam em lugares de subalternização e subjugação nas relações e localizações institucionais ou não institucionais.

Os corpos racializados tem sido mortos em várias intensidades e formas. A produção de sofrimento psíquico realizada pelo mundo é

---

13

Norma que diz respeito a identificação da pessoa com o seu próprio gênero de nascimento.

obra incessante, pois este mundo, tal como é forjado, tem sido exatamente para aniquilar e explorar estes corpos e outros demais abjetos, especificamente que fogem da norma heteronormativa. Pô-los na mira refinada da morte e, paralelamente escapar disso, é uma constante.

Nesta corrida para sustentar este corpo, tanto a visibilidade quanto a invisibilidade não nos protegem. Realizar uma figuração, protagonismo em meio ou estar alheio a história, não nos garante escape das investidas da morte, pois ela é obra constantemente atualizada pelas teias da colonialidade do poder que fundam este mundo.

E, enquanto corpos racializados caem, quem lucra é a branquitude, com seus vários modos extrativistas de atuar com as produções provenientes do sangue derramado das pessoas que precisam a todo momento provarem que necessitam ser alvo de alguma dignidade por parte dos gestos des outros. O lucro sobre o sangue alheio, a todo momento, sem produzir de fato uma alteração concreta nas estruturas que alimentam a branquitude.

O movimento e configuração das estruturas pende ao favorecimento e ao refrigério mental da branquitude. Importante notar quais os movimentos que tornam as dores da racialidade fator de oferta de sangue para os leões da manutenção da branquitude, e perceber em que medida a exposição a céu aberto das mesmas pode estar alimentando a uma ordem colonial que nos põe enquanto fornecedores de matéria-prima para que a branquitude supostamente possa revisar todo seu legado de práticas racistas direcionados a nós. Afinal, nos queremos sempre narrando sobre os pormenores das nossas próprias misérias, para nos fazerem prezas ainda neste lugar da servidão colonial do explicar/didatizar inclusive nos momentos em que dor aguda que nos acomete.

A ferida colonial está sempre aberta, entretanto, como de fato transferí-la como também responsabilidade da branquitude em vez de estar sempre em nossas mãos a tarefa de realizar esta condução dos agenciamentos deste cuidado? Ou então que não nos coloque

em um enredo infinito de produzir estratégias para responder as movidas equivocadas da branquitude, incluindo apontar cada uma das suas atualizações coloniais em vez de podermos fazer vias de sair ou de respiros dos sufocos configurados pela colonialidade do poder? É um funcionamento que nos convoca ou coloca a todo instante servis das narrativas brancas nas vezes em que ficamos sob controle seja para respondê-las, seja para criar subterfúgios de desviá-las, ou mesmo sermos imobilizadas de criar quaisquer coisas sob risco de sermos aprisionadas e lides a partir das suas nomeações/teorias/epistemologias.

Manter a saúde mental das pessoas racializadas em meio a isso tudo é desafio constante, há de se pensar a todo momento estratégias de como mitigar os efeitos sobre os corpos e tecer cadeias de expansão para as vidas destas populações serem possíveis neste mundo transtornado pelos resquícios do colonialismo. A branquitude dentro das áreas da saúde, e neste caso da saúde mental, deveria ser a dianteira na implicação na busca e concretização de medidas e projetos que propiciem condições mais favoráveis de vida para pessoas racializadas. Afinal, o racismo é uma problemática branca, já disse Grada Kilomba.

A criação de dispositivos mais coletivos e coletivizáveis na direção do cuidado de pessoas racializadas e demais minoritárias tem sido realizada desde os tempos dos primeiros quilombos e aldeias. As remontagens dos afetos, dos fatos históricos apagados, a partir das dificuldades de construção de autoimagem e de subjetivação ocorridas. Portanto, cuidar destas subjetivações intercorrem na necessidade de um empenho coletivo para realizar alguma remontagem especular e em termos de um refazimento de corpo e de vida.

Os dispositivos e espaços individualizantes podem ser aliadas na construção e cuidado de singularidades, entretanto então não são suficientes para lidar de modo eficaz com todo sofrimento que a o mundo impõe historicamente a determinados povos advindo dos resquícios da colonialidade os quais se atualizam.

Afinal, a passagem pelas vias da branquitude e também da heteronorma arrebetam sobremaneira um encadeamento dos afetos para

ação de maneira potente nos corpos e vidas. As rodas que tecem conexões entre as teias invisíveis da ancestralidade tornam-se construções fundamentais neste enfrentamento.

A cura não é o alvo, pois ela remete a um tamponamento da ferida, como se fosse possível esta operação de interrupção do jorrimento de uma dor proveniente dos traumas do mundo. Isso não é uma via a ser concretizada desde o início dos tempos da civilização. O que pode acontecer é a dor ser canalizada ou diminuídas em suas intensidades por meio de vias de expressão ou de práticas de cuidado.

O processo de elaboração psíquica é realizado com limites a serem cuidados, pois trata-se de uma elaboração singular necessariamente ligada a uma elaboração coletiva dos temas e traumas psíquicos. As tessituras a serem feitas e as pontes de intervenção são da ordem da invenção e da imanência do tempo de entrelaçar em ação forças coletivas da ordem da ancestralidade e das teias afetivas e de trabalho diárias que possam desdobrar afetos destrutivos em outras composições afetivas que sejam potencializadoras.

A construção subjetiva de pessoas racializadas se dá por processos diferentes dos processos da branquitude. É de enorme importância estarem de modo desindividualizante e interligadas com processos de outras pessoas racializadas mais.

Podem ser criados espaços de testemunho para lidar com os soterramentos e realizar acolhida das ruínas de pessoas racializadas, bem como lgbt's e demais atingidas diretamente pelo cisheteropatriarcado, a fim de facilitar pontos de compartilhamentos para então conectar os detalhes em comum das experiências e isso fazer uma torção nas formas individualizantes de lidar com os sofrimentos, inaugurando intercomunicações entre os corpos em variadas dimensões de espaços-tempo. Nesta mediação das temporalidades, é uma constante estarem em ação as forças da ancestralidade tecendo atualizações de encontros e comunicações entre as pessoas, quebrando ao meio o funcionamento da modalidade indivíduo.

Intercomunicarem-se os arruinamentos engendrando uma cadeia das dores singulares, mas principalmente, das advindas de fatores sociais. Adentrar coletivamente nos afetos permite que os traumas do mundo serem possíveis de mapeados e serem elaboradas estratégias em comum para os seus enfrentamentos por estas populações citadas. Zonas de interferência psíquica são então criadas a partir de então, traçando um plano de afetação que desloca ao longo de algum período de espaço-tempo e realizam inversões psíquicas da ordem colonial.

Como podem ser criadas estratégias para acolher os sofrimentos das perdas irreparáveis das comunidades raciais? Com todas as linguagens, as histórias, as memória perdidas. Como realizar mediações do sofrimento para lugares previamente inexistentes e, portanto, incontornáveis, sem meramente apagar esta dimensão e meramente dobrá-la para uma positividade do funcionamento liberal do corpo?

Corpos que estão sempre a beira de precipícios e no limiar da morte nas pequenas ações cotidianas. Como viabilizar o cuidado de vidas que ao longo dos seus trajetos e caminhos beiram a morte? De vidas que não existem em muitos momentos se debatem para alcançar um pouco de ar na superfície.

Corpos incisivamente alvejados nos mais diversos modos. Desde os mais sutis do olhar, dos gestos, até pelo cravar da bala numa calada de noite de uma periferia. A matabilidade (Mbembe, 2014) de um corpo racializado acontece das mais diversas formas.

Adentrar conjuntamente as nossas várias mortes que o mundo nos oferece diariamente, em pontos nevrálgicos em comum para então remexer a carne e o sangue remexidos pelos estilhaços, tocar no corpo de outre e na sua ferida, perceber em cada toque quais serão os possíveis para recompor nestas invenções conjuntas do cuidado. Este cuidado conjunto no organizar um ódio e a raiva para não

desembocarem em um autoódio tóxico, pode ser medida de atenção a ser seguida por pessoas racializadas neste momentos.

Um reordenamento das práticas de modo que elas precipitem a interligação com outras fraturas, outras dores – esta parte, o que a autora tal tem chamado de dororidade de Vilma Piedade (2017), uma espécie de solidariedade possível em meio as circunstâncias de dores. O momento da arrebentação da fissura paradoxalmente é um limite de um encontro com o mundo, mas também é uma abertura para a construção de outros (im)possíveis.

Falar desde a própria Terra.

Ao pisar em terras ao Sul do Pará, em meio a floresta de mata fechada do Parque Nacional de Carajás, as bonitas imagens com as quais somos recepcionados são ao mesmo tempo esconderijo de enormes devastações ecológicas. É minha terra. A umidade no ar e as nuvens cinzentas no céu anunciam que o inverno amazônico também chegou no final de dezembro de 2017.

As notícias que alguém mandou matar quem matou seu companheiro e lhe foi trazida a cabeça de comprovação; um massacre de garotos realizado pela polícia em ano recente. A terra é vermelha da fertilidade das matas densas e úmidas tropicais, onde mora o germinar da vida. É também de sangue derramado das lutas no campo, domínio de grandes proprietários de fazendas para por adiante a agropecuária extensiva e demais práticas do agronegócio que tanto devasta as florestas das redondezas.

As veias coloniais pulsam forte por aqui. E permeiam as várias espaços, os corpos, as vidas, invadindo os modos de costurar os dias e cada pequena coisa por estas bandas.

Quando se fala desde solos barrentos dos minérios, arenoso, movediço dos conflitos, de onde se pode achar suporte/sustentação para criar pensamentos críticos desde estes lugares? Como criar outros modos de vida que escapem das durezas do lugar para então criar resistências?

Saber com quem é possível escrever junto nossa própria história, nossos escritos numa singularidade, mas também em um apanhado

maior de resgate e de força e de vida. A roda viva de uma ancestralidade constantemente apagada, mas que ainda reavê e convoca para que tu possas ser o que os teus anteriores próximos e muitos distantes foram em algum outro momento. Uma atualização da escrita desta história a várias mãos, o resgate do som do batuque que erguera novas pessoas, com a licença des ses antepassades.

\*\*\*

Na ocasião em que eu parecia receber um convite para percorrer outras paragens da construção de conhecimentos., um convite para pisar na terra, olhar mais nos olhos e ver desde estes lugares por quais outras vias estavam pulsando os saberes que alimentavam as vidas.

O belo sinuoso rio fura com sua barrenta água (?) a camurça verde-árvore. Um sobrevoo, uma poética do olhar de cima a vastidão e o serpentear que se torna cobra grande, a sucuri, a jibóia? Tornar-se a mítica do admirável a ser viste de longe.

A quantos pés de altura os olhos devem estar para poderem fingir que veem?

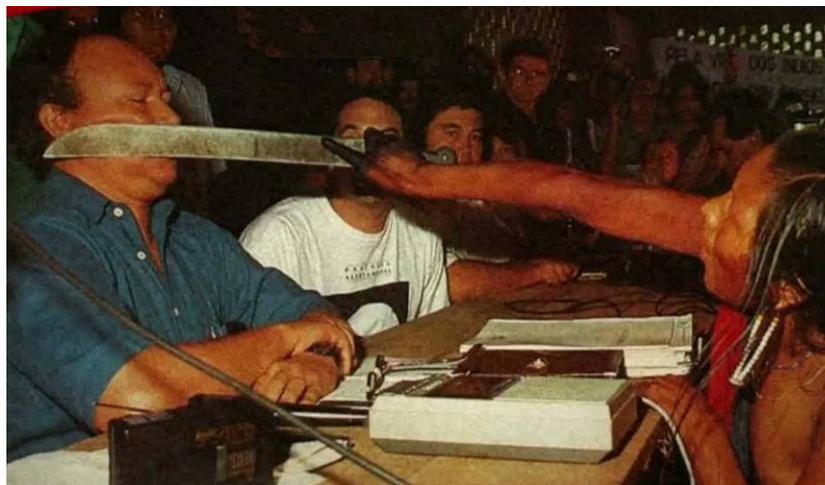


De presente ao Rio Marañon, em 2016, bem em sua bacia, vieram em grande quantidades despejos do principal oleoduto do Peru – a Petroperu. Três mil barris de petróleo a novecentos quilômetros da entrada do Rio Amazonas, oito comunidades afetadas nativas Achuar. Parte do petróleo imperceptíveis (aos olhos) quando na água, mas não aos tumores dos peixes e às centenas de pessoas prejudicadas com a situação.

A serpente deu o bote.

A visibilidade conveniente a fim de não acessar uma tensão territorial, incorrendo na construção de subjetivações distanciadas de camadas de sensibilidade mais cruas e acessar a o óleo disfarçado em meio a lama oriunda das ações predatórias.

Os embargos fronteiriços em termos de território geográfico estabelece também embargos de acesso e, em se tratando de Norte e de Amazônia, uma espécie de atraso nos acessos ~demoramos a ouvir as notícias do restante do país e em alguns cantos elas nem mesmo chegam, a acessar os referenciais acadêmicos/musicais/artísticos~ é uma frequente dentre os acontecimentos vividos por nós. Ficamos num modo ilhades de subjetivação por um longo tempo, e isso acontece mesmo que estejamos concretamente presentes em outro lugar do país. Isso, conseqüentemente, nos atrasa em acessar ferramentas importantes para re.construir a nossa própria história, passos, vidas e retomadas.



Em 1989 a índia Tuíra desafia o presidente da Eletronorte e torna-se para nós inspiração à luta até os dias atuais.

Facão no rosto para quem invade a terra, a mata, o território ancestral de quem não se vende e não se rende.

As marcas da indigeneidade assumida.

Levante das Icamiabas em nós,

As amazonas em dias presentes.

O braço armado da mulher indígena então aponta a direção,

E um Norte se ergue!

Laroyê.

## Cabanagem

Em recuperação das imagens históricas que pudessem reatar com vias de imaginação desde a minha própria terra, encontrei a denominação de “O vulcão da anarquia” para a Cabanagem, movimento político e social realizado em 1833 na província do Grão-Pará e Maranhão e Amazônia, com participação principal de caboclos, pessoas negras e indígenas que puseram em ameaça o poder regencial na ocasião. Uma insurgência des cabanes foi catalisada pelo ódio em comum para com a elite branca local, ódio aumentado devido a má administração colonialista ~quase uma redundância dizer desta má administração~ portuguesa realizada sobre o local, cuja atenção era desferida para onde o poder estava centralizado, que era nas províncias do Sudeste e Nordeste. Advindos do povo mais simples da região, indígenas, negres, cabocles, não apenas se juntaram para um levante contra o Império do Brasil, mas a construção de uma afirmação racial/regional, em construção política em comum para garantir mais direitos e liberdades.

Foi a única insurreição popular brasileira que passou de simples agitação para tomada efetiva do poder. Foi empreendida uma luta secular fundada também no “anticolonialismo” empreendida contra o poder colonial.

“Todo o passado no Grão-Pará transformava-se em exemplo crescente de opressão colonial, de uma infame conquista territorial, econômica e cultural, que teria alijado as camadas populares do poder. O movimento de 835 ressurgia 50 anos depois como uma luta legítima contra esta hegemonia imperialista.” (RICCI, 2006)

Entretanto, depois de cinco anos de lutas, o culto da beleza revolucionária e sua infinitude, mas viveram a morte, a fome, as doenças e a instabilidade da guerra. Foram também perseguidos e mortos em grande número enquanto fugiam da escravidão. Ainda sim, foram criados ou ampliados diversos quilombos ou comunidades de negres, indígenas e mestiços nas suas investidas nos adentramentos da mata em busca da “terra prometida” por revolucionárias.

## Afetos Ancestrais

As ligações se re.fazem nos encontros e fazem morada desde as relações com es nosses ancestrais. Portanto, entender os fios que nos aproximam e conduzem nos dias atualizam as construções conjuntas das imagens e dos pertencimentos que nos fazem transportar saberes e afetos ancestrais. Apontamos caminhos, elaborando pausas cativas, alegrias comuns, bem como tantos mais exercícios a respeito do viver junto com todas a.diversidades que significa isso. Empenho dos afetos, da tessitura, da presença lembrada a cada invenção de comuns para acompanhar o Tempo e os germinares de cada uma das sementes apostadas, desejadas, amadas.



Foto tirada por mim e postada no facebook em 29 de setembro de 2015.

Marinoca chegou na nossa vida em plena 2013, ano agitado politicamente, quando meu coração foi lá em Belém e parou ali no 22 de abril quando ela nasceu. Fiquei numa euforia gigante pelo acontecimento, e acompanhando notícias daqui de muito longe como geralmente acontece nos outros tantos eventos familiares na Mangueirosa em que eu não posso estar devido a linha dos 2.452 quilômetros que me separam de lá e ou alguma impossibilidade de trabalho e ou financeira que ocorra; geralmente é o caso de coincidirem os três fatores para mim. Até este momento, eu era ainda pouco dada com crianças. Gostava bastante, sabia a respeito de uma enorme quantidade de cuidados, pois já havia acompanhado as primas quando pequenas, alguns filhos de amigas; e tive um momento de maior intimidade por ajudar a criar o meu enteado, também cuidado por outras várias pessoas da família da minha antiga esposa, por seis anos em muitas demandas que uma criança de seis aos doze necessita. Contudo, Marina trouxe situações muito diferentes quando nasceu. Filha do meu único irmão, com quem estava há muitos anos sem falar por ocasião das tensões familiares prolongadas por uns dez anos devido eu ter me assumido lésbica, ofereceu-nos a alegria em comum pela sua chegada que voltamos a nos falar. Em meio a isso também recebi o convite para ser sua madrinha. Muitas circunstâncias felizes se sobrepunham neste momento e eu passei a ser mais investida em crianças como eu nunca havia sido antes, acompanhando mesmo a distância os detalhes do seu crescimento, dos seus desejos, suas estripulias, os brinquedos que ela gosta, passar meses pensando ideias e juntando lembranças para presenteá-la no nosso encontro anual... até o chegado momento desta relação com ela catalisar o meu desejo de inclusive ter uma filhote no futuro, algo que jamais desejaria até pouquíssimos anos atrás, e agora eu surpreendentemente faço planos de priminhas para a Marinoca.



Foto na casa da Regina em Belém.

É uma imensa honra e privilégio ser neta dela, Regina, também conhecida como vovócana, uma força só, uma alegria só de pessoa, e quando nova se abalou sozinha de Belém pro Nordeste pra arvorar novos ares, varou na Paraíba onde teve 3 filhas, voltou pra Belém, foi mãe solteira e sem nem o ensino fundamental destruiu tudo porque sua escola maior foi a vida, que por sinal nos ensinou e nos ensina demais em todos estes anos. Ela cuidou de muites de nós, brigou (e briga) que só quando vê que é preciso e bebe conosco para a nossa alegria e des nossas amigas que tb são loucxs por ela! Lembro de um episódio lindaço da Regina, quando me reencontrou pela primeira vez pessoalmente depois do término do casamento com a minha antiga companheira e se preocupou em conversar tanto comigo tanto com ela sobre isso, sobre como estávamos, fez um almoço, um vatapá, para que

estivessem as duas, numa impressionante delicadeza de cuidado com a situação que emociona até hoje de lembrar. E foi ela, minha maravilhosa avó que completou 80 anos de gelada este mês, comemorados com muita alegria por nós, tantas pessoas que a admiram e amam que só! E essa festa toda ainda foi em Pebas e nos fez também comemorar nossos 20 anos nesta cidade que acompanhou vários de nós nascer, crescer, fazer amigos, rir, fazer várias coisas pela primeira vez, namorar, andar de bicicleta, sair de casa para outra cidade, casar, chorar, trabalhar, vibrar e acompanhar juntas tantas outras coisas mais muito massas ou às vezes nem tanto. Muita emoção! Muitas belas coisas reunidas em uma comemoração só! Salve Regina, olham! E vida longa a esse amor todo que tanto compartilhamos nesta vida.



Foto de parte da família materna reunida no aniversário de 80 anos da Regina.

Nos reunimos para celebrar a fibra da D. Regina e em todas as suas contribuições para conosco ao longo de todos estes anos. São poucos filhos e netes

neste lado da família, mas quando se reúnem parecem cinco vezes mais pessoas, como disse a minha prima Letícia em um texto escrito neste período; somos todes muito barulhentes, alguns bem espalhafatoses, mas que ao longo dos anos tem contornado juntas nas diferenças e nos desentendimentos, muitas situações delicadas e difíceis das vidas; e esta minha avó em sua amorosidade cuida de tecer elos entre nós com a mesma paciência que tem com seus vagonites, pinturas, numa delicadeza artesã mesmo, ainda que por vezes solte suas furiosas ventanias com uns ralhos para cima de quem faz alguma bobagem na avaliação dela.

Regina nascera de pai indígena, cujo nascimento foi na própria tribo da mãe a qual fora aldeada por bastante tempo em local nas redondezas da cidade de Viseu aonde se chegava apenas de barco, e mãe branca filha de portugueses. Nasceu em uma localidade muito pequena chamada Curtiçá, na proximidade de Bragança, mas foi registrada em Belém. Conta muitas estórias vividas em localidades da Zona Bragantina, com a qual possui uma relação bastante afetuosa.



Foto tirada em fevereiro de 2017 em visita da Dona Dadá ao Rio.

Dona Dadá, como bem é chamada a minha avó Damázia pelas redondezas do Guamá, seu bairro localizado na zona periférica de Belém nasceu em Laranjal do Jari em 1932, cidade a noroeste do Pará ontem também nasceu sua mãe e pai negres de pele clara. Com fala e olhar mansos, mas de uma

brabeza e olho vivo na gestão da casa, da sua vendinha, bem como do cuidado des sete filhes (pois dois faleceram), mesmo os que moram a distância, na relação da vizinhança, nos quais ela vai só no sapatinho fazendo com as coisas fiquem enfeitadas de maneiras por ela desejada. Teve cinco filhos de um primeiro casamento e quatro do segundo, os criou na maior parte dos anos sozinha com sua ferocidade mansa, e numa atenção frequente para que não desembocassem em modos de vida que lhes fossem potentes. Lembro de todas as tardes ter um cafezinho com o leite em pó e pão com manteiga no lanche da tarde que ela gosta e nos recebe com alguma prosa, junto com outras tias que estejam na casa. Sou chamada por ela algumas vezes de “maria das folhas” nas ocasiões de ir almoçar em sua casa, por gostar de salada e ser um dos poucos momentos em que é feito na casa para que eu possa comer. Todos os anos na época do Círio de Nazaré no segundo domingo de outubro tem a aguardada maniçoba da Dona Dadá. Anualmente, ela se prepara com antecedência para arranjar os ingredientes e cozinhá-los para que ela fique bem pretinha e, portanto, bem cozida para ofertar a todes no dia do almoço do Círio.

O bairro Guamá é o mais populoso da cidade e possui um rio de mesmo nome que o atravessa e o qual pude curtir bastante nos tempos da universidade, pois ele também abeira a Universidade Federal do Pará no seu percurso. Nele, localiza-se a Rua dos Pretos ou Rua dos Maranhenses, outra nomeação da Rua Bom Jesus I e é marco onde concentrou a ocupação maranhense na cidade de Belém na década de 80, em especial advindes da cidade de Cururupu. No mês de agosto celebra-se o folguedo de São Benedito, santo negro padroeiro do Tambor de Crioula, manifestação religiosa advinda dos quilombos do Maranhão e tocada inicialmente por pessoas escravizadas advindas de Angola, Guiné, Costa da Mina (hoje em dia area que abrange Benin, Nigéria e Togo) e Congo.

A história do bairro data o século em uma carta de sesmaria de 1728 concedida a Theodoreto Soares Pereira pelo rei de Portugal. Apesar deste momento ter ocorrido a oficialização da tomada do local pelos colonizadores, o local já era ocupado por indígenas, negres e mestiços nas proximidades do rio Guamá e Tucunduba. Ao final destes anos 1700, outro documento refere-se a uma área doada pelos padres Mercedários para a Santa Casa de Misericórdia para a construção de uma olaria para beneficiar a cidade de Belém, posicionando então o bairro do Guamá como fornecedor de serviços à população.

Foi neste bairro também onde foi construído entre 1814 e 1816 o primeiro leprosário da Amazônia, o “Hospício dos Lázaros do Tucunduba, que abrigava primordialmente pessoas negras escravizadas que tinham contraído lepra, doença bastante ligada às condições sociais e higiênico-sanitárias nas quais viviam, e haviam sido abandonados nas ruas pelos seus senhores/donos. Este local existiu até 1938, mas o Guamá abrigava mais Três hospitais de isolamento, os Hospitais: Domingos Freire, São Sebastião e São Roque (posteriormente nomeado hospital Universitário João de Barros Barreto, direcionando-se para o tratamento de doenças infectocontagiosas como varíola, febre amarela e tuberculose).

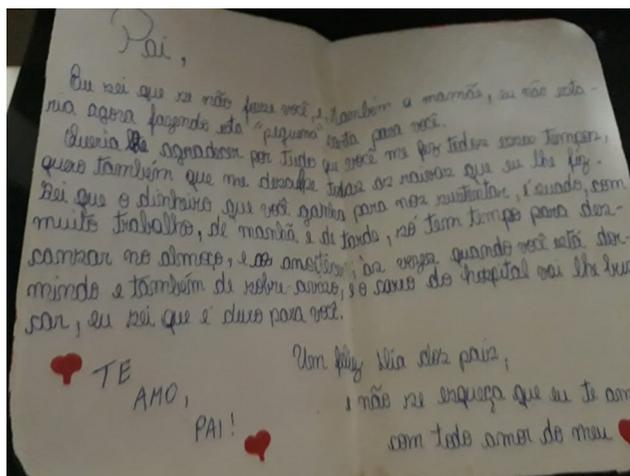


Foto tirada no final de 2017 em Parauapebas.

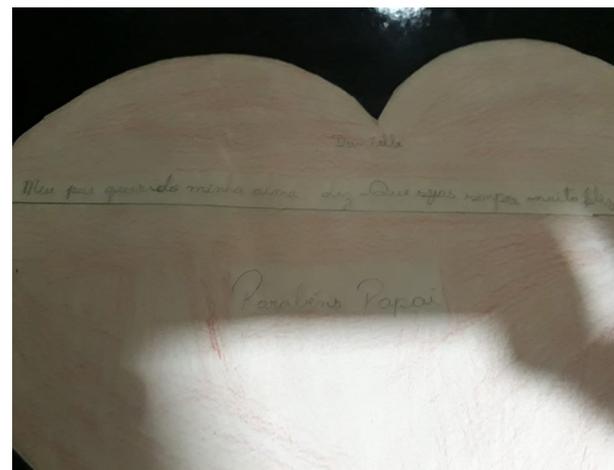
Temos uma parceria muito forte, pois o jeitos parecidos de serem metódicos-virginianes em alguns setores da vida e ser cheio de graça em outros, nos faz bastante ligades. Rui sempre muito implicado no trabalho pela necessidade de ajudar a família pobre, como acontece com tantos homens pretos desde cedo, já vendia sorvete na porta dos cinemas em Belém quando era criança. Nesta época, eram cinco filhas criadas pela minha avó Damázia, pois seu marido havia falecido com o meu pai muito pequeno ainda e ele nem possui muitas lembranças a respeito além das contadas pela minha avó, como

a que ele gostava muito de jogar bola. Depois ainda nasceram mais quatro filhos de outro casamento. Neste período, devido as grandes dificuldades financeiras, por muito tempo almoçaram ovo com farinha e jantavam pão com café preto; ainda que a minha avó recebesse pensão do marido falecido, houve um longo período de dificuldade financeira. Moravam no bairro do Guamá, bairro periférico na cidade de Belém, onde ainda é casa da família. Meu pai conta inclusive que acompanhou várias des ses colegas e amigos falecerem por envolvimento com o tráfico. Com treze anos de idade de carteira assinada, o primeiro dentre es filhas, em uma empresa chamada Casabrazil. Apos isso, trabalhou como auxiliar de portaria no Hotel São Geraldo, onde sua função principal era carregar malas para seus hóspedes. Sempre falou de uma importância de trabalhar e de ter independência, pois estas coisas lhes era valor atrelado a responsabilidade de ter que ajudar em casa, pois sua mãe ficara viúva bastante cedo e precisou cuidar sozinha dos seus nove filhas; portanto, es mais velhas precisavam todes começar a trabalhar para colaborar nas despesas.

Por três anos meu pai tentou passar no curso de Medicina, estudando em casa, pois não tinha condições financeiras de pagar um cursinho pré-vestibular. Contudo, em 1983 ingressou no curso de Enfermagem na Universidade do Estado do Pará, cujo tempo para terminar foi de dez anos por racismo institucional, afinal, como homem negro e ocupado com o sustento da família, precisava se desdobrar para fazer as atividades do curso, em maioria de dia e quando ele trabalhava, portanto, só poderia frequentar as matérias noturnas. Trancou e destrancou várias vezes sua matrícula até que pudesse concluir o curso. Logo depois, passou no concurso para trabalhar no Hospital Municipal de Parauapebas, nos levando a mudar de residência para lá.



1



2

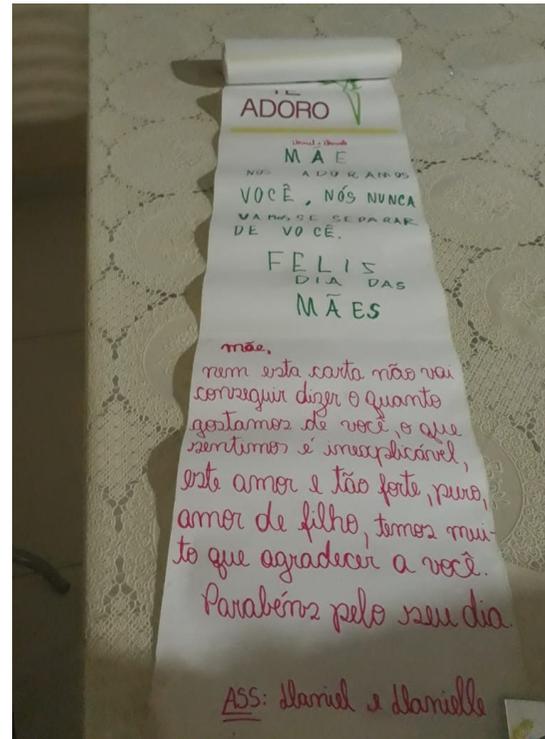
O primeiro bilhete foi escrito no dia dos pais em algum ano próximo de 1994, o meu lado de criança consciente a respeito das responsabilidades do pai nos votos de feliz dia dos pais. O segundo bilhete mostra uma criança muito espiritualizada desde zita que eu já era quando dizia já sobre o que a minha alma dizia ao meu pai.



Início deste ano estava imersa em trabalho em Parauapebas, quando recebi o convite para ir em uma cachoeira e convidei a Josy, como também chamo a minha mãe, para ir junto. Achei um bom sinal dos tempos surgir este convite, a possibilidade de banhar-se em águas pebenses e fazer umas boas lavagens d'alma nas águas de Oxum e porque pouco conheço das cachoeiras nas redondezas da cidade ~ainda que circule há vinte e três anos por lá~ pois a maioria delas fica em propriedades privadas e com pagamento para entrada que a mantém fechadas ao usufruto da maioria da população. E era precioso também poder levar a minha mãe junto, na trilha bem ralada e em alguns momentos escorregadia, íngreme que havia. Nossa relação atravessou muitas fases, desde uma proximidade e dedicação muito grande quando eu era criança, quando eu lembro dela cuidar de acompanhar meus cadernos, aprendizado, dar uns ralhos quando eu queria ficar até muito tarde brincando na rua, pois precisava acordar muito cedo no outro dia; e um

certo distanciamento quando saí de casa aos quatorze, com ela um pouco triste a este respeito mas juntamente com o meu pai depositou bastante confiança em mim, que seria bom momento de ida para estudar em Belém e que eu conseguiria lidar com as demandas surgidas ainda que lhe acontecesse uma preocupação que emergia subitamente no meio de uma semana (quando já estávamos há quinze dias sem conversar ao telefone) com a pergunta se eu estava comendo direito naquele dia. Tiveram também fases com períodos mais tensos da relação, mas sempre buscamos contornar as necessárias distância e re.aproximações com bastante empenho amoroso, isso e o Tempo foi nos ensinando a sustentar o respeito acima de qualquer conflito ou divergência que pudesse acontecer.

Quando minha avó, tias e mãe chegaram da Paraíba de volta ao Pará, minha mãe tinha nove anos e precisava cuidar das duas irmãs menores enquanto a minha avó se dividia entre dois empregos e uma jornada tripla por um longo período para sustentá-las: na limpeza em uma casa pela manhã, de tarde como “servente” (como eram chamadas as pessoas que trabalhavam na área da limpeza) em uma escola na cidade de Ananindeua e de noite ela estudava. No segundo ano, fazia limpeza em várias casas durante a manhã, de tarde “servente” em uma escola estadual e de noite em uma escola particular. No terceiro ano, fora transferida para Belém. Alguma vizinha as olhava de vez em quando no bairro em que moravam na ocasião ~o Marco, entretanto em sua parte não asfaltada e de constantes alagamentos~, mas em uma boa parte do tempo e da responsabilidade era da minha mãe, a mais velha do grupo e quem precisava conduzir os cuidados e alimentação, ainda que com a pouca experiência e habilidades, geria a rotina das três sendo uma delas ainda de colo. Ela costuma contar que sua mãe chegava bastante exausta e estressada da sua longa jornada e tinha pouco ânimo para estar de maneira cuidadosa e carinhosa em elas, pois logo precisava dormir para dali a poucas horas, levantar para trabalhar novamente. A partir dos onze anos, precisava ainda ajudar na jornada extra da minha avó passando em ferro de carvão ou lavando as roupas que as pessoas encomendavam no período em que lavava/passava para fora. Foi um longo período ainda até que minha mãe começasse a trabalhar aos dezenove anos como recepcionista na Soela, onde ficou por nove anos, e a ter uma vida mais externa, podendo então ter outra rotina de trabalho além do doméstico e a frequentar mais espaços da cidade nos seus momentos de lazer. Neste momento de ter começado a trabalhar, elas não lavavam mais roupa para fora e minha avó já trabalhava na Secretaria de Educação do Município de Belém como agente administrativa e na Secretaria de Educação do Estado do Pará inicialmente “servente” e depois inspetora.



Eu e Daniel fizemos certa vez uma carta gigante para a minha mãe para lhe desejar feliz dia das mães, na ocasião já morávamos em Pebas; carta esta que ela guarda até hoje. A mãe como esta nossa referência da força em nós da fertilidade, do gestar e germinar as sementes cultivadas para materializar as travessias da vida. Oferecemos as palavras sob cartas para desdobrar em agradecimentos a ela, uma das nossas principais ancestrais.

1



1



2



3



4



5

1\* Foto tirada na nossa casa de Canudos, por volta de 1990.

2\* Foto tirada no quintal da Regina na sua casa no bairro do Marco, em parte asfaltada já, em torno de 1992.

3\* Foto tirada em Outeiro em algum final de semana por volta de 1993.

4\* Foto tirada na Serra dos Carajás (Parauapebas) no ano de 1994.

5\* Foto tirada na estrada Bragança-Ajuruteua em 1995.

Daniel estava comigo em muitos lugares, fomos bastante grudados até quando eu já estava no ensino médio e ele foi para Belém e fiquei corresponsável por ele junto com nossa avó Regina. Brigávamos um tanto e fazíamos as pazes muitas vezes, alternando quanto a iniciativa e tema mas lembro que ninguém mais poderia tocar nele que eu corria para defender; certa vez um garoto na rua chamado Alanzinho que tinha uns dois anos de idade e metade do tamanho do meu irmão bateu nele e chegou em casa chorando bastante. Saí imediatamente a procura do pequeno e o “esculhambei”, falei para não fazer mais aquilo, onde já se viu; não lembro da reação do garoto, mas lembro da imagem daquele tamanho todo de gente e que eu tentava entender como tinha sido ele quem tinha agredido. Tínhamos também o amoroso costume de guardar a metade do bombom que comprávamos para e outre, numa atitude de cuidado uma com e outre. Lembro de diversas vezes quando bem zita, com oito ou sete anos, ir na taberna que era a um quarteirão de casa da rua Américo Santa Rosa, bairro Canudos (local periférico de Belém), e comprar apenas um chiclete. Pois eu chegava em casa, comia metade e guardava a outra parte na geladeira para o Daniel. Ele também fez muitas vezes o mesmo quando comprava apenas um bombom. Uma situação apenas que me aborrecia um bocado e fazia faíscas na pequena libertária que já havia em mim, era nas circunstâncias em que eu era chamada para ajudar nas tarefas domésticas e o Daniel era liberado desta função ou só enviado para resolver as atividades externas: eu ficava fula da vida e questionava por que cargas d'água ele também não era convocado para os mesmos tipos de tarefas e eu remetida as tarefas para as quais ele era solicitado. Minha idade era de uns sete anos aproximadamente e já estava bem ligada sobre a tomada de posição de recusa das imposições e questionamento dos lugares sociais de gênero para ser uma “mulher do lar”.

Lembro da minha mãe sentar conosco todos o dias para rever as matérias junte, ensinar sobre o que não tínhamos entendido e acompanhar o que tínhamos aprendido na escola. Mas só há pouco tempo descobri, quando minha mãe contou, que acontecia com ele era que não estava motivado na escola devido a não se identificar com o que era ensinado e com alguma situação com os colegas num processo que se configurara como racismo institucional; com similar intensidade ao que eu passei apenas na época da universidade. A sua professora fez então um trabalho de cuidado com a

situação e com ele oferecendo escuta e material com identificações negras, minha mãe disse que só depois disso ele ficou mais animado com a escola e estimulado em estudar. Na época da universidade, uma situação semelhante que me ocorreu foi de a professora me chamar na sua casa e dizer que eu deveria ter mais ânimo e que parecia com um parente seu que tinha depressão por tanta falta de estímulo que ela em mim enxergava para estudar ~os referenciais eurocentrados~; fora um período muito desestimulante um tempo depois que entrei na universidade com todo seu elitismo proselitismo racismo classismo que eu percebia num esmorecimento do meu corpo o quanto me atingia. E bem ao final do meu doutorado, meu irmão inicia seu mestrado, e de algum modo percebo que nossos processos se conectam e que somos as duas únicas e negras pessoas da família a chegarem nestes tempo de escolaridade, algo bastante bonito de receber deste lugar que poderemos marcar e compartilhar com es nosses parentes e demais pessoas da nossa terra as sabedorias e os legados que temos angariado nas incursões de produção de conhecimentos nas nossas respectivas áreas.



É com uma certa frequência que tu encontrarás a foto de uma paraense quando bebe assim toda sujeira de açaí. Eu era (e talvez ainda habite em mim) uma criança um bocadinho esfomeada, boa de boca como algumas parentes se referiam a mim. Na sequência das fotos, da direita para a esquerda, no colo do meu pai no aniversário de um aninho e de olho fechado porque não gostava da claridade do flash; depois a foto comendo pão, bebendo água ou tomando açaí tranquilamente como bem gostava.



Desde criança também era animada, participava todos os anos da maioria dos eventos realizados na escola, bem como ajudava na organização deles quando maior – no ensino médio fui inclusive vice-representante de turma no segundo ano, e no terceiro fui representante. Gostava também das andanças nos passeios, aniversários e muito de ir à praia.

Bastante estudiosa que eu era, gostava um bocado de sentar diariamente com as papeladas, cadernos, canetas para fazer os para-casa, como chamávamos. sempre tirava ótimas notas na época escolar e ficava dentre os primeiros lugares da turma em termos de dedicação para as rotinas de estudo. Diversas vezes as pessoas adultas da família me ofereciam estes papéis/canetas/canetinhas como modo de me animar neste desejo pelos papéis e livros desde zita.



Certificado ganhado no colégio que estudei em Parauapebas.



Foto tirada no Jardim II no colégio de freiras que estudei em Belém.



Foto do meu aniversário de 10 anos na nossa primeira casa em Pebas.

Logo que chegamos em Pebas foi um baita alívio para nós na família, pois foi quando as nossas condições financeiras melhoraram. Enfim os tempos duríssimos de grana iriam mudar, pois meu pai havia passado em um concurso para ser enfermeiro no hospital municipal da cidade e teria um vínculo empregatício e remuneração mais estável, o que nos beneficiaria por tabela. Ainda sim, ficamos um tempo numa casa bastante simples, televisão ficava no chão, água gelada na cabeça no banho com chuveiro às 7 da manhã antes de ir para o colégio, num frio do cão de ter neblina lá fora ao ponto de não se enxergar nada além de dois metros da calçada para adiante. Parauapebas tem uma altitude de 150m, mas como fica próxima de região de serra é bastante fria em alguns períodos do ano e naquele período de 1995 mais ainda. Lembro que me animava muito viver numa cidade que fazia tanto frio e porque teríamos a possibilidade de ter em casa pela primeira vez um chuveiro elétrico, isso era inimaginável antes para mim. Acostumada com o inverno amazônico belenense com seus trinta graus e “tarará”, como dizia a minha avó Regina, passar o frio daquele no meio da floresta (dentro da cidade, atravessando também Canaã dos Carajás e Água Azul do Norte, existe uma floresta de 400mil hectares chamada Floresta Nacional dos Carajás) parecia um pouco irreal. É uma região bastante habitada por pessoas sulistas e sudestinas, e foi ao morar ai que conheci de perto as frequentes situações

de xenofobia, as quais ainda ocorrem nas vezes que retorno para visitar a família que em sua maioria mora hoje em Parauapebas.

Lembro ter sido uma imensa virada ter ido morar em Pebas, não apenas pelas mudanças financeiras e climáticas, mas também pelos novos tipos de relações que surgiram e um outro modo de poder circular pela cidade. Naquele período era possível andar de bicicleta por todos os lados, ainda que com dez ou onze anos de idade, algo completamente improvável em Belém. Esta possibilidade oferecia um modo mais tranquilo de explorar e viver a cidade; sem os frequentes sobressaltos e correrias da capital, morar no interior trouxe um outro tempo de estar nos dias, nas relações, nos espaços. Apreciava bastante isso e tinha uma certa gana exploratória das possibilidades desta circulação e modos de viver no interior.

Tinha uma época do ano específica que era bem desconfortável, entre agosto e setembro, devido ao período das queimadas nas fazendas dos arredores da cidade; o clima já estava bastante seco, o ar ficava mais carregado e mais difícil de respirar. Várias folhagens queimadas também adentravam na casa, no pátio, ficava tudo bem empoeirado. O céu de tarde ficava avermelhado ou alaranjado devido ao excesso de fumaça. Em 2017 foram registrados pela Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Sustentabilidade (Semas)<sup>14</sup> mais de 364 focos de incêndio, dentre os quais 290 em área densa e 174 em área menos densa e de agricultura, até o mês de agosto. É uma frequente as queimadas das florestas na região sul/sudeste do Pará e pouco se consegue agir sobre toda esta devastação que se atualiza anualmente.

Outro ponto importante de Pebas foi a sociabilidade que nos ofereceu com diferentes pessoas de muitas partes do país que iam para lá para trabalhar na Vale ou em algum dos projetos ou serviços que servem a ela ou as cidades que surgiram por conta da exploração de minérios (de ferro, ouro, bauxita, cobre, zinco, dentre tantos mais) que ocorre desde início da década de 80 na região. Fizemos muitas amizades e foi uma novidade para mim e poder fazer vários esportes na própria escola. Fiz futebol e handebol nos jogos da escola, por um tempo basquete, mas foi no karatê que eu fiquei por mais tempo, disputando inclusive campeonato na cidade e Marabá certa vez.

---

14  
mais-de-400.ghtml

Fonte: <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/registros-de-focos-de-queimadas-no-interior-do-para-chega-a->

Pela primeira vez saímos do estado de férias, em 1995, quando viajamos de trem para São Luís numa viagem que atravessa um bom pedaço do estado do Maranhão. É a estrada de ferro Carajás-Itaqui, que de um lado possui o trem de passageiros, do outro o que transporta os minérios para serem exportados via porto de Itaqui.



Foto com as crianças vizinhas da nossa primeira casa, na Rua B.



Fotos na praia Olho D`água em São Luís

Foi em Pebas os meus primeiros apaixonamentos pelas mulheres. Na escola havia uma bem mais velha que me despertava enorme encantamento (e em outras crianças) e de um modo muito além do sentido “tia” que bastante usávamos para nos referir as professoras do colégio. Outra mulher que mexeu bastante comigo era também muito mais velha, e para esta eu enviei várias cartas juntamente com outras crianças igualmente apaixonadas por ela. Adorava quando recebia atenção de volta em contrapartida das minhas ofertas carinhosas singelas e bem intencionadas. Já havia ficado quando criança com uma amiga vizinha de onde eu morava, e neste foi o momento de um certo despertar e direcionamento mais incisivo do desejo para as mulheres e

que não me foi nem um pouco assustador. Lembro de ter sido bastante incômodo entre a infância e adolescência o fato de eu não me sentir muito à vontade com o universo de paquera inveterada com os meninos, como acontecia com as outras garotas – apesar de ficar com vários, eu tinha uma sensação de desencaixe em relação às outras neste quesito do frisson. Só aos vinte e um anos que realizei, antes mesmo de ficar com uma mulher, que era este mesmo o meu maior objeto de desejo no campo afetivo-sexual. Foi uma situação bem inusitada, pois contei a todes es amigues logo que isto aconteceu.



Campeonato de Karatê na cidade de Marabá.



Time feminino de futebol nos jogos da escola.



Grupo de Quadrilha da escola em 1997.



De volta a Belém, em novo colégio, participava novamente de diversos eventos, muitos na área de dança. Já sentia muito o desejo de me implicar em atividades artísticas mais diretamente, e aproveitava o ensejo das produções no colégio para exercitar alguma nova prática. Desde então a arte fez parte importante nas minhas inscrições e criações de modos de existir e estar no mundo. O lançar e mover do corpo nas estetizações para aprimorar a fuga e as conjunções coletivas por meio dos aldeamentos e aquilombamentos. Forjar os caminhos e as vias.



Nathália e Mariana

Mariana e Nathália sempre foram como irmãs e foram presentes dados pelo Pebas também. Dividimos vários momentos e cuidados mútuos desde o ano de 1995 quando nos conhecemos na escola em que estudávamos. Amor e irmandade intensamente partilhadas, que nos faz estar próximas mesmo quando estivemos morando em estados diferentes a milhares de quilômetros uma das outras. Uma proximidade e encontro de não se precisar fazer esforço algum para estar para estar junta, e de saber realizar as ofertas nas medidas potentes para a outra sem uma cobrança d'um retorno obrigatório. A política da amizade a ser vivida em sua radicalidade, com suas forças de conexão atualizadas nas sutilezas do invisível e dos vários tempos vividos na mesma relação. Pontes de afetos e resistência entre mulheres são construídas e tornadas vivíveis em todas as suas complexas diferenças.



Foto tirada na praia do Maraú, em Mosqueiro.

Nos conhecemos no antigo grupo de práticas discursivas, grupo do qual fizemos parte pelos idos anos de 2005. Primeiro fiquei amiga da Alyne que, toda agitada, sempre me convocava para seu frenesi cuidadoso, animado, cheio d'uma presença saltitante, mas muito inteira sempre com as suas delongadas conversas, visitas a minha casa para atentar se eu estava bem e partilhas infindáveis de uma oferta mútua que pouco vejo e vi, nela e em Dani. Neste dia da foto foi nosso primeira réveillon juntas na praia de Mosqueiro, para onde fomos com outros amigos celebrar esta passagem de ano juntas. Um lugar de praia de rio com ondas que parecem mar, onde tenho muitas estórias vividas nas praias do Murubira ao Farol e nas barraquinhas de tapioca da Vila. A foto é na praia do Maraú, não a conhecia até então, e foi bom ser com elas e curtir até o cair da noite nossas confabulações a respeito de algum futuro de trabalho ou de ser vizinhas em alguma cidade próxima que nos deixe a possibilidade de criar nossas bacuris próximas, que cresçam juntas.



Foto tirada no Verópa no ano de 2016.

Entre eu e Dani há uma ligação primorosa, e uma das coisas que eu mais me orgulho de ter nesta vida. Nossas infindáveis conversas, sobre os mais variados assuntos, sempre que ficam por fazer em algum determinado ponto e hora do cansaço no final da noite ou no meio de um dia corrido de trabalho, deixam uma ponta e possibilidade de retomada para desenvolver juntas retornos para as nossas construções conjuntas de vida entre uma conversa ou outra via zapzap. Em todos estes anos morando no Rio de Janeiro, sempre demos um jeito via redes sociais de estarmos muito próximas do cotidiano e principais acontecimentos da vida da outra e também muitas agruras de ser mulher negra nas relações e espaços em que estamos implicadas, fazendo em meio a isso uma solidariedade entre as nossas dores e pentelhações vividas, bem como as nossas apostas nos deslocamentos e afirmações das nossas vidas nestes lugares. É sempre um enorme troca estar com ela, seja no Verópa, seja via mensagens, seja no cafezinho da tarde, me traz bastante a atualização da paciência, das permanências e insistências para a vida. Dani tem um belo jeito poético com os detalhes, uma sutileza que acolhe as durezas das circunstâncias de modo leve, um modo artesão de realizar as costuras e pontes entre os afetos e os pensamentos.



Foto postada no facebook dia 20 de maio de 2016 da segunda Pirar-o-Cu realizada em prol da CasaNem.

Era um sonho de tempos tocarmos na CasaNem para rogar umas forças para as manas transexuais e travestis que lá fazem morada e também realizam vários eventos e cursos, como o Curso Preparatório para o ENEM – Prepara Nem, em prol destas populações na cidade do Rio de Janeiro. Um importante espaço na cidade surgido como iniciativa da Luciana Vasconcellos e Indianare Siqueira, que tem agregado apoio principalmente as TT's, dentre outras pessoas LGBTQI's em situação de alta vulnerabilidade social moradores e moradoras de rua, realizando um trabalho de base primoroso direcionado de amplo apoio a esta população. Levamos a cultura do tecnobrega advinda das periferias do Pará e especialmente da cidade de Belém, além das nossas vivências e histórias de nascidas nestes territórios, a fim de construir um modo de ocupação de espaços públicos em terras sudestinas e afirmação de uma sonoridade e corporeidade paraense, demarcando então uma diferença desde o Norte. Fazíamos com uma produção coletiva e

colaborativa, d'onde várias colegas e amigos traziam desde as mandingas, patcholis, banhos de cheiro do Ver-o-Peso para distribuímos na festa, até as pessoas que colaboravam no dia por um tempo no revezamento das vendas, ou por uma noite inteira em em trabalhos e demandas variadas que surgissem. Na maior parte das vezes além de mim estava Luana, Anderson e Júnior juntas produzindo todo o processo, fazendo de um modo que todes pudessem estar implicades e realizar sua marca e seus modos de expressões na produção. Éramos sempre nós quatro que tocávamos as músicas na festa, com exceção das últimas que ocorreram na CasaNem inclusive, pois Luana estava morando no Nordeste neste período.



Foto postada no facebook dia 29 de janeiro de 2016.

Os quatro elementos da composição de nossa festa-ritual, sempre nos encontrávamos antes para fazer os últimos acertos de trabalho, comer juntas e realizar um enlace e atualizações deste encontro que muito nos potencializa nestas andanças sudestinas ao nos conectar com a rede nortista/amazônida que aqui também faz morada. Nossa afirmação de singularidades desde as marcações lgbtq's-nortistas, com foco na junção e neste compartilhamento

das jornadas de vida e artísticas de cada ume.



Roda de Carimbó realizada no dia 02 de agosto de 2015 na Praça Tiradentes  
pela Pirar-o-Cu e Grupo Anauê.

A partir de uma ideia surgida do nada entre as várias confabulações e pavulagens que envolviam a Pirar-o-Cu, achamos que ia ser uma iniciativa muito bacana aviar um carimbó de rua aqui na cidade do Rio de Janeiro. Como já conhecíamos o Anderson, o Cleyton, a Marta, a Mayume que faziam parte do Grupo Anauê no período, propusemos a idéia em um ensaio na casa do Anderson na Zona Norte da cidade e todes toparam na hora. Aproveitamos então um dia de feira do Lavradio para fazer próximo dali a roda, que durou muitas horas, agregou gente de todo canto, chamou pra se achegar paraenses que só também, e ainda nos fez tocar maracá com a banda do grupo. Um modo de trazer o batuque, o som do curimbó, a roda que nos trás o Norte para junto aqui em terras distantes. E, assim como a própria Pirar-o-Cu, apresentando um outro modo de visibilizar a música, a dança, e um outro

modo de ocupar o espaço público com referências a ancestralidade e diáspora afro-ameríndia que nos interconectam em variados territórios.

\*\*\*

Isto não é um final.

Dizer das nossas marcas singulares e coletivas, as formas e teias possíveis de se configurar, escavando-as as feridas coloniais as quais não escolhemos em formas, incidências, duração, profundidade é tarefa sem fim. Portanto, atualizar as suas investigações tem sido fundamental para podermos visibilizar o quão submersa ainda estamos e vivendo às margens de sustentar uma história onde caibam os respiros, fissuras e, quiçá, os corpos condenados a terra. Trabalho de ânimo e vitalidade coletiva este d'um refazimento diante do mundo que nos condena e nos decreta muitas mortes. A política dos afetos, as rodas, reavivar a coragem das nossas expressões, revirar as nossas epistemologias e nossas teorias, podem ser vias de nos sub-elevar o que nomeamos possíveis. Escrever-falar isso em voz alta desde as nossas próprias entranhas para existir e atravessar o tempo. Afinal, nossas e nossos ancestrais retornam e também clamam um a um dos esquecimentos forçados. Não tem mais volta. Agosto é mês do Sol, logo pude lembrar, e reata-nos com o mistério da vida/morte guardado nas cabaças, segundo as religiões afrobrasileiras. Sinaliza que este fim/morte para fazer vingar outros renascimentos/vidas que ainda estão por serem sabidos. Resta-nos re-aprender a ver/escutar/cheirar/sentir para então poder incidir corpo e escrita-fala de frente ao que seja um novo tempo pós-morte deste que estamos.

Por fim, é neste mistério que podemos apostar.

Axé.

## Referências

- ANZALDÚA, Glória. *Borderlands : the new mestiza - La frontera* | Gloria Anzaldua. San Francisco: Aunt Lute, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Como Domar Uma Língua Selvagem*. Tradução Joana Plaza Pinto, Karla Cristina dos Santos. Revisão da Tradução: Viviane Veras. In.: *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Difusão da língua portuguesa*, no 39, p. 297-309, 2009.
- ALMEIDA, Silvio. *O que é Racismo Estrutural?* Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- BENTO, Maria Aparecida Silva Bento. *Branqueamento e Branquitude no Brasil*. In: *Psicologia social do racismo – estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil* / Iray Carone, Maria Aparecida Silva Bento ( Organizadoras) Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. (25-58).
- BUTLER, Octavia. *A Parábola do Semeador*. Editora Morro Branco, 2018.
- CANEN, . *Currículo para o Desafio da Xenofobia: Algumas Reflexões Multiculturais na Educação*. *Conhecimento & Diversidade*, Niterói, n. 11, p. 89–98, jan./jun, 2014.
- CARNEIRO, Sueli. *Gênero, Raça e Ascensão Social*. Ano 3, 544, Semestre 2, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Mulheres em Movimento*. *Estudos Avançados* 17, 49, 2003.
- \_\_\_\_\_. *A Experiência do Outro como Não Ser como Fundamento do Ser*. Tese apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade de São Paulo, 2005.
- COATES, Ta-Nehisi. *Entre o Mundo e Eu*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.
- COSTA, Marcilene Silva da. *Refletir sobre Imagens de Remanescentes de Quilombo da Amazônia Brasileira*. *Illuminuras*, Porto Alegre, v. 17, n. 41, p. 117-132, jan/jun, 2016.

COX, Laverne. "E não sou eu uma mulher?". Disponível em: <https://traduzidas.files>. Acesso > 07/04/2016.

DAVIS, Angela. Mulheres, Cultura e Política. São Paulo: Boitempo, 2017.

\_\_\_\_\_. A Liberdade é Uma Luta Constante. São Paulo: Boitempo, 2018.

EVARISTO, Conceição. Olhos D'Água. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2016.

FANON, Frantz. Em Defesa da Revolução Africana. Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1989.

\_\_\_\_\_. Pele Negra, Máscaras Brancas. Salvador, EDUFBA, 2008.

\_\_\_\_\_. Los Condenados de La Tierra. Buenos Aires, Fondo de Cultura Econômica, 2015.

FAUSTINO, Deivison Mendes. Por que Fanon? Por que Agora? Tese apresentada no Programa de Pós-Graduação Em Sociologia-PPGS da Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2015.

FEDERICI, Sílvia. Calibã e a Bruxa: Mulheres, Corpo e Acumulação Primitiva. Coletivo Sycorax. São Paulo, 2017.

GIGENA, Andrea Ivanna. Necropolítica: los aportes de Mbembe para entender La violênciã contemporânea. In: Fuentes Díaz, Antônio. Necropolítica, violencia e excepción em América Latina. Puebla, Benemérita Universidad Aitónoma de Puebla, pg 11-31.

GILROY, Paul. O Atlântico Negro. São Paulo, Editora 34, 2012.

\_\_\_\_\_. Entre Campos – Nações, Culturas e o Fascínio da Raça. São Paulo, AnnaBlume, 2007.

GUEDES, Cíntia. Des(en)terrorar o Corpo. In: Revista DR - DOSSIÊ: SITUAR/MOVER - CORPO, TERRITÓRIO, POLÍTICA. Disponível em: <<http://www.revistadr.com.br/posts/desenterrar-o-corpo>> 2016. Acesso em: 27/06/2018.

GONZÁLEZ, Lélia. Primavera para as Rosas Negras: Lélia González em Primeira Pessoa. Diáspora Africana, 2018.

HOOKS, Bell. Desvalorização Continuada da Natureza Feminina Negra. Em: Não Sou Eu Uma Mulher? Mulheres Negras e o Feminismo. (1ª Edição 1981). Tradução livre para a Plataforma Gueto, 2014.

\_\_\_\_\_. Movimentar-se para Além da Dor. Tradução de Charô Nunes e Larissa Santiago. Portal Blogueiras Negras, 2016. Disponível em: < <http://blogueirasnegras.org/2016/05/11/movimentar-se-para-alem-da-dor-bell-hooks/>>. Acesso em: 13 set. 2018.

\_\_\_\_\_. Vivendo de Amor. Tradução de Maísa Mendonça. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>>, 2010.

Acesso em: 14 set. 2018.

JESUS, Carolina Maia de. Quarto de Despejo. Edição Popular, 1963.

KILOMBA, Grada. Plantation Memories: Episodes of Everyday Racism. Münster: Unrast Verlag, 2. Edição, 2010.

\_\_\_\_\_. O Racismo é Uma Problemática Branca. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/201co-racismo-e-uma-problematica-branca201d-uma-conversa-com-grada-kilomba>>, 2016. Acesso em: 22/04/2018.

\_\_\_\_\_. Escrita como Resistência e Assentamento do Feminismo Negro. Disponível em: <<http://www.pretaenerd.com.br/2015/10/escrita-como-resistencia-e-assentamento.html>>. Acesso em: 15 set. 2018.

LORDE, Audre. Sister Outsider. Berkeley: Crossing Press, 2007 (1984).

LUGONES, Maria. “Rumo a um feminismo descolonial”. Estudos Feministas, Florianópolis, n. 22, v. 3, pp. 935-952. Disponível em: <https://periodicos.ufsc>. Acesso: 30/04/2018.

LUSTOSA, Tertuliana. Manifesto Traveco-Terrorista. In: Revista Concinnitas, ano 17, volume 01, número 28, setembro de 2016. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/concinnitas/article/view/25929/18560>> Acesso em: 27/06/2018

MATTIUZZI, Michelle. Merci Becoup, Blanco! Performance, 2018.

MAUÉS, Raymundo Heraldo e VILLACORTA, Gisela Macambira (orgs). Pajelanças e Religiões Africanas na Amazônia. Belém: EDUFPA, 2008.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. 2014. Disponível em: <https://aphuuruguay.files.wordpress.com/2014/08/achille-mbembe-necropolc3adticaseguido-de-sobre-el-gobierno-privado-indirecto.pdf>. Acesso em: 13/07/2017.

\_\_\_\_\_. Crítica da Razão Negra. Lisboa: Antígona, 2014.

\_\_\_\_\_. Sair da Grande Noite – Ensaio sobre a África Descolonizada. Lisboa: Edições Pedagogo, 2014.

\_\_\_\_\_. Políticas da Inimizade. Lisboa: Antígona, 2017.

MIÑOSO, Yuderkys. Textos Seleccionados. Edictorial El La Frontera, 2017.

MOMBAÇA, Jota. O mundo é Meu Trauma. *PISEAGRAMA*, Belo Horizonte, número 11, página 20 - 25, 2017.

\_\_\_\_\_. Pode um cu mestiço falar?. 2015. Disponível em: <<https://medium.com/@jotamombaca/pode-um-cu-mestico-falar-e915ed9c61ee>> Acesso em: 25 jan. 2017.

MORAGA, Cherie e CASTILLO, Ana. Esta Puente, Mi Espalda. Voces de Mujeres Terceiromundistas em Los Estados Unidos; trad. de Ana Castillo e Norma Alarcon, São Francisco: Ism Press, 1998.

MORRISON, Toni. Deus Ajude Essa Criança. São Paulo, Companhia das Letras, 2018.

NASCIMENTO, Abdias do. O Genocídio do Negro brasileiro – Processo de um Racismo Mascarado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

OYĚWŪMÍ, Oyèronké. La invención de las mujeres. Una perspectiva africana sobre los discursos occidentales del género. Editoria El La Fontretera, 2017.

OLIVEIRA, Denilson Araújo de. Gestão Racista e Necropolítica do espaço urbano: apontamento teórico e político sobre genocídio da juventude negra na cidade do Rio de Janeiro. Texto apresentado no NEGRA (Núcleo de Estudo e Pesquisa em Geografia Regional da África e da Diáspora), Faculdade de Formação de Professores da UERJ

PACHECO, Ana Claudia Lemos. Branca para casar, mulata para f... e negra para trabalhar: escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador\Bahia. Tese de Doutorado em Ciências Sociais. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. UNICAMP. 2008.

PANAMBY, SaraElton. Perenidades, Porosidades e Penetrações: [Trans]verdades pela Carne. Pedregulhos Pornográficos e Ajuntamentos Gózmicos para Pesar. Eu não Sabia que Jorrava ate o dia que Jorrei. Tese de Doutorado apresentada no Programa de Pós-Graduação em Artes da Uerj, 2017.

PIEIDADE, Vilma. Dororidade. Editora Nós, 2017.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del Poder, Cultura y Conocimiento en América Latina. In: Anuário Mariateguiano. Lima: Amatua, v. 9, n. 9, 1997.

RIBEIRO, Djamila. O que é Lugar de Fala? Belo Horizonte: Letramento, 2017.

- \_\_\_\_\_. Quem tem Medo do Feminismo Negro? São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- RICCI, Magda. Cabanagem, Cidadania e Identidade Revolucionária: O Problema do Patriotismo na Amazônia entre 1835 e 1840. Revista Tempo, 22, 2006.
- RODRIGUES, Nina. “Os Mestiços Brasileiros”, Gazeta Médica da Bahia, 21, 11,497-503, 1890.
- RODRIGUES, Nina. Os Africanos no Brasil. Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010.
- ROLNIK, Suely. Cartografia Sentimental, Transformações contemporâneas do desejo, São Paulo: Editora Estação Liberdade, 1989.
- RUFINO, Luiz. Exu e a Pedagogia das Encruzilhadas. 231 f. (Tese), Doutorado em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro- Faculdade de Educação. Rio de Janeiro, 2017.
- SALLES, Vicente. O Negro na Formação da Sociedade Paraense. 2.Ed. Belém: Paka Tatu, 2015.
- SANTIAGO, Ana Rita [et al]. Descolonização do Conhecimento no Contexto Afro-Brasileiro. Cruz das Almas: UFRB, 2017.
- SHAKUR, Assata. Cartas de Assata Shakur (tradução ). Disponível em: <https://assatashakurpor>. Acesso: 21/09/2017.
- SILVA, Cidinha da. Um Exu em Nova York. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.
- SILVA, Denise Ferreira da. À Brasileira: A Racialidade e a Escrita de um Desejo Destrutivo. Estudos Feministas, Florianópolis, 14(1): 336, janeiro-abril/2006.
- \_\_\_\_\_. A Dívida Impagável: Lendo Cenas de Valo contra a Flecha do Tempo. Publicado em Outubro, 2017. Disponível em: [https://issuu.com/amilcarpacker/docs/denise\\_ferreira\\_da\\_silva\\_-\\_a\\_di\\_\\_vi](https://issuu.com/amilcarpacker/docs/denise_ferreira_da_silva_-_a_di__vi). Acesso: 27/09/2018.
- SODRÉ, Muniz. A Verdade Seduzida: Por Um Conceito de Cultura no Brasil. 3. Ed. DP&A Editora, 2005.
- \_\_\_\_\_. Pensar ssNagô. Editora Vozes, 2017.
- SOUZA, Neusa Santos. Tornar-se Negro. Rio Janeiro: Ed. Graal, 1983.